

Idílios

de Bocage

I

QUEIXUMES DO PASTOR ELMANO CONTRA A FALSIDADE DA PASTORA URSELINA

*Metida tenho a tudo na Consciência,
E não falo senão verdades puras,
Que me ensinou a viva experiência.*

Camões, Soneto LXI

Seu manto desdobrava a noite escura,
E a rã no charco, o lobo na espessura,
Vociferando, os ares atroavam;
Do trabalho diurno já cessavam
Os rudes, vigorosos camponeses:
O vaqueiro cantando atrás das reses,
Após as cabras o pastor cantando,
Iam para as malhadas caminhando.
Tudo jazia em paz, menos o triste,
O desgraçado Elmano, a quem feriste,
Ó pernicioso Amor, cruel deidade,
Flagelo da infeliz Humanidade.
Tudo, enfim, descansava, excepto Elmano,
Que a mão do Fado, universal tirano,
Sentia sobre si descarregada;
Que, longe da paterna choça amada,
Dependente vivia em lar estranho,
Sendo os desgostos seus o seu rebanho.
Honrados maiorais o ser lhe deram
Lá junto ao Sado ameno, e lhe fizeram
Das artes cortesãs prezar o estudo:
As Musas o encantaram mais que tudo,
Ateando-lhe na alma o fogo santo,
Que estúpidos mortais desdenham tanto.
Inflamado com ele, ao som da lira
Quebrava dos tufões a força, a ira,
E o venerando Tejo sossegado,
A cuja fresca praia o trouxe o Fado,
Mil vezes, para ouvir-lhe as ternas mágoas,
A limosa cabeça ergueu das águas.
Cego, convulso, pálido e sem tino,

Entrava na cabana de Francino
O desditoso Elmano. Entre os pastores
Geral estimação, gerais louvores
Francino com justiça desfrutava:
Alto saber o espírito lhe ornava,
Na vasta capital fora criado
E por expertos mestres cultivado.
Doce nó de amizade os dois unia,
Concorrendo a razão e a simpatia
Para tão bela e plácida aliança.
Notando pois a fúnebre mudança,
Que no aspecto do amigo aparecia,
Assim Francino a causa lhe inquiria:

FRANCINO

Que tens, Elmano? Que fatal desgosto
Banha de tristes lágrimas teu rosto?
Tu que, ainda há brevíssimos instantes,
Te aclamavas feliz entre os amantes,
Logrando mil carinhos, mil favores,
De Urselina gentil, dos teus amores,
Vens tão choroso, tão aflito agora!
Ah!, conta-me a paixão que te devora,
Das ânsias tuas o motivo explica:
Comunicado o mal, mais brando fica.

ELMANO

Ai de mim! Venho louco, estou perdido.
Oh, peito ingrato! Coração fingido!
Oh, desumana, oh, bárbara pastoral
Fementida mulher enganadora!...
E tiveste valor para a mais feia
Traição, que pode conceber a ideia?
É possível! É certo! Oh, céus! Socorro!...
Eu pasmo, eu desespero, eu ardo, eu morro.

FRANCINO

Amigo, torna em tí, recobra alento,
Declara-me o teu íntimo tormento.
Do cego frenesi, que te domina,
Quem é causa, pastor? É Urselina?

ELMANO

Quem, senão ela (oh, Céus!) me obrigaria
A tão pasmoso extremo? A Sorte impia
Com todo o seu poder nunca tem feito

Desmaiar a constância de meu peito;
Quem me abate é Amor, não o Destino.
Eu te conto o meu mal, eu vou, Francino,
Retratar-te a mais negra, a mais horrível
De todas as traições. Não é possível
Nos ermos encontrar da Líbia ardente
Monstro, seja leão, seja serpente,
Que possa comparar-se à fera humana,
Que com tanto rigor me desengana.
Quantas vezes notaste, honrado amigo,
Finezas, que a traidora obrou comigo!
Quantas vezes daqui presenciaste
Seus gestos, seus afagos, e julgaste
Que o mais ardente amor, a fé mais pura
Pagavam minha cândida ternura!
Ouve e conhecerás (ai de mim triste!)
Que foi sonho, ilusão tudo o que viste.
Já sabes que no dia em que ligado
A Márcia Jônio foi pelo sagrado,
Indissolúvel nó, cantei louvores
A tão ditosos, tão fiéis amores,
E o número aumentei dos convidados;
Já sabes as meiguices e os agrados,
Com que a minha infiel me fez ditoso;
Ali traçando um baile harmonioso
Por parceiro me quis; ali sentada
Junto a mim, vezes mil a refalsada
Protestou que em sua alma eu só vivia,
Que eu era de seus olhos a alegria,
Dando-me a bela mão furtivamente,
Que, ardendo de paixão, beijei contente.
Pedi-me a desleal que ali tornasse,
Que tão doce prazer lhe não roubasse.
Guiado por Amor, fui inda agora
Seu desejo cumprir, que antes não fora,
Porque não sentiria este martírio,
Este ardor, esta raiva, este delírio.
Jônio, que estava à porta da cabana,
Me veio receber... ah!, quanto engana
Uma aparência alegre e carinhosa!
Entrei, pus logo os olhos na aleivosa,
Que, em vez de me tratar com meigo agrado,
Tinha nas faces o desdém pintado.
Pasmado da mudança repentina,
Lhe disse: «Amado bem, cara Urselina,
Tu comigo tão áspera? Eu ignoro
Em que pude agravar quem tanto adoro».
Isto dizendo, avizinhei-me a ela,
Que estava ao pé da rústica janela.
E da terna pergunta não fez caso,

Nem o rosto voltou; e olhando acaso
À próxima cabana de Nigela,
Vi encostado Inácio à porta dela
Olhar para Urselina, adeus dizer-lhe
E sem pejo a cruel corresponder-lhe
Co'um doce riso, um gesto namorado,
De amantes expressões acompanhado.
Fervendo-me no peito o amor e a ira,
Logo, logo em pedaços fiz a lira,
E em mil imprecações, em mil queixumes
O furor exalei dos meus ciúmes,
Ameaçando a infiel que eu me vingava
No odioso rival, que me afrontava,
Se uma satisfação, que Inácio visse,
Logo o meu pundonor não ressarcisse.
Prometeu-me que sim, mas de repente
A meus olhos se esconde, e vai contente
O lerdo, o baixo amante encher de glória,
Que não cabia em si pela vitória,
Que a pior das traições lhe tinha dado.
Fiquei louco, fiquei desesperado,
Contemplando este assombro nunca visto
Nem na imaginação. Não pára nisto
Daquela ingrata a pérfida baixaza:
De novas fúrias cruelmente acesa,
Procura Aónio, inerte pegureiro,
Que é o riso da gente no terreiro,
Quando sai a bailar, e a cada passo
Se esquece da harmonia e do compasso,
Sendo falto de prendas e de siso
Como o louco Magálio, o rude Anfriso.
Urselina lhe diz que me incitasse,
A que a choça de Jónio abandonasse,
Persuadindo-me, enfim, que não devia
Presenciar a afronta que sofria.
Acreditei o indigno conselheiro,
E. saí da cabana, onde primeiro
Tinha logrado os mimos da perjura,
Que assim desenganou minha ternura.
Ah génio desleal, falaz, perverso!
Daquilo que pensei como és diverso!
Ai! Não me alucinava o meu ciúme,
Era mais do que justo o meu queixume,
Quando (triste de mim!), quando julgava
Que Inácio, inda que simples, te agradava!
Acusei-te mil vezes de fingida,
De que a ele querias ver-te unida
Em laços de Himeneu; mas tu negaste
Sempre o que hoje sem pejo declaraste.
Traidora! Eu não dizia, eu não jurava,

Que o meu sossego ao teu sacrificava?
Ah!, porque me não deste o desengano,
Que eu te pedia, coração tirano?
Se Inálio, porque tem campos e gados,
Numerosos casais, amplos montados,
Atrai esse teu génio interesseiro;
E eu, posto que leal, que verdadeiro,
De clara geração, de sangue honrado,
Caducos, frágeis bens não devo ao Fado,
E por isso não posso no teu peito
Produzir da ternura o doce efeito;
Que razão te obrigou a acarinhar-me,
E de um fingido amor capacitar-me?
Coração em perfídias atolado,
Impia, se o não tivesse inda criado
A vingadora mão de Jove eterno
Devia para ti criar o Inferno!

FRANCINO

Consola-te, pastor. Essa perjura
Não deve motivar tua amargura.
Castiga-lhe a traição e o fingimento
Lançando-a num profundo esquecimento.
Que mais satisfação, que mais vingança
Queres da vi!, da súbita mudança,
Que ver exposta a pérfida pastora
Ao ludíbrio geral?! Uma traidora,
Uma fera, uma ingrata, inda que bela,
Não merece a paixão que tens por ela.
Pondera que não foste injuriado
De seu duro desprezo inesperado;
Que o feminil capricho extravagante
Não te deslustra o mérito brilhante.
Nenhum, nenhum pastor na aldeia ignora,
Que essa, que te deixou, foi até'gora
Carinhosa contigo, e fez patente
Sua correspondência a toda a gente.
Demonstrações em público te dava
De amorosa paixão, mas não te amava.
Baixo costume, natural fraqueza
É que a fez parecer de amor acesa;
Aquela alma não arde, não se inflama,
A todos corresponde, a ninguém ama.
Bem se viu com Bersálio e com Laurénio
Seu inconstante, seu volúvel génio.
'Té no mais desprezível dos pastores
É capaz de empregar seus vis amores.
Nunca soube escolher, tudo lhe agrada;
E inda que astutamente enfatuada

Faça crer aos amantes o contrário,
É já sabido seu carácter vário.
Isto em teu coração gravado fique,
E não queiras, pastor, maior despique:
Se até'gora calei quanto te digo,
Foi por não te afligir, prezado amigo.
Pouco importa perder quem nada vale.
Contente-te que toda a aldeia fale
Contra a sua imprudente aleivosia;
Que, se pensasse bem no que fazia,
Jamais o falso monstro que te deixa
Fechara a tudo os olhos como fecha.
Deveria lembrar-se a fementida
De que a sua afeição foi conhecida,
De que inda em tuas mãos tens os penhores
De seus furtivos, tácitos favores,
Para não te obrigar com tal injúria
A que dos zelos a violenta fúria
Despedaçasse um véu misterioso,
Um véu tão necessário como honroso.
Mas verás se mais hora menos hora
Não é punida a infiel pastora.
Doiradas esperanças lisonjeiras
Nutrem-lhe ideias vãs e interesseiras;
Mas Inálio é como ela ambicioso,
E só deseja um himeneu lucroso,
Que lhe farte a cobiça, os bens lhe aumente.
Ele próprio mo disse, ele não mente,
Que a sua natural simplicidade
Não pode mascarar a sã verdade.
Eia, pois, cesse o pranto, enxuga o rosto,
Adora a Providência em teu desgosto;
Não delires, pastor, não desesperes,
Que és feliz em saber quem são mulheres.

ELMANO

Sim, meu amado, meu leal Francino,
Eu dou mil graças ao poder divino
Por me livrar do engano em que vivia.
Eu lutarei co'a terna simpatia,
Que me fez adorar uma inconstante,
Aos falsos crocodilos semelhante.
Embora logre Inálio os seus agrados
Fingidos, mentirosos, estudados,
O sórdido interesse é quem a inspira:
Se da fortuna o meu rival sentira
A triste, pernicioso variedade;
Se a violência de horrível tempestade
Lhe derribasse as férteis oliveiras,

Se o fogo lhe engolisse as sementeiras,
Se a cheia lhe afogasse os nédios gados,
Verias em desdéns e em desagradados
Mudar-se logo o amor que finge a astuta,
Que de negra cobiça a voz escuta.
Tu a verias outra vez comigo
As chamas assoprar do affecto antigo,
Mendigando razões para aplacar-me,
Para me convencer, para enganar-me.
Mas ah paixão! teu ímpeto reprime.
E busque-se vingança igual ao crime.
Ritália bela, encanto dos pastores,
Merece meus suspiros, meus amores.
Com ela fui mil vezes desatento,
Negando-lhe o devido acatamento,
Por cumprir o preceito rigoroso
De Urselina infiel, que no enganoso,
No detestável peito encerra e nutre
Da venenosa inveja o feio abutre,
Porque a meiga Ritália é mais do que ela
Branda, risonha, delicada e bela,
Quanto é mais agradável, mais formosa
Que as outras flores a punicea rosa.
Ritália desde agora o lindo objecto
Será do meu fiel, constante affecto:
Arrebatado em êxtasis de gosto,
Louvores de seus olhos, de seu rosto
Farei voar nas asas da ternura,
E assim me vingarei duma perjura.
Ela, por timbre meu, o escute, o saiba,
E o coração no peito lhe não caiba
De invejas de furor: eu, entretanto,
Troque em plácido riso o triste pranto,
E a fria indiferença, com que intento
Recompensar-lhe o torpe fñgimento,
Até tão alto grau nesta alma creça,
Que eu veja a desleal e a não conheça.

II

TRITÃO

Idílio marítimo

Omnia vincit Amor

Virgílio, Écloga X

À Foz do Tejo, em bronca penedia
Minada pelas ondas salitrosas,
Prisioneiro de Amor, Tritão gemia.
Luziam-lhe as espáduas escamosas,
Sustentava o marítimo instrumento,
O búzio atroador nas mãos calosas.
Conchas da cor do líquido elemento
Parte do corpo enorme lhe vestiam,
Igual na ligeireza ao próprio vento.
Da barba salsas gotas lhe caíam,
E nos olhos, que Amor afogueava,
Em borbotões as lágrimas ferviam.
Lília, que num bosque próximo habitava,
Líiia, a Napeia, desdenhosa e bela,
Amorosos clamores lhe arrancava.
Um dia a viu na praias e só de vê-la
Seu coração feroz enfeitiçado
Voou, gemendo, para os olhos dela.
Das entranhas do pélagos salgado,
Louco de amores, louco de saudades,
O queixoso amador tinha saltado.
Do pai, que abafa as negras tempestades,
Já seu voraz tormento era sabido,
E das outras equóreas divindades.
De aéreas esperanças iludido,
Grão tempo seu espírito saudoso,
Rastejando a cruel, vagou perdido.
Grão tempo glórias vãs sonhou, teimoso,
Antes que desse frutuosa entrada
Ao acre desengano o peito ansioso.
Já pela transparente, imensa estrada
No coche rutilante o Sol corria
Após a Aurora cândida e rosada,
Quando, envolto nas sombras da agonia,
Ao vento derramava o Deus amante
Tais queixas, que eu não longe, oculto, ouvia:
«Lília! Lília! Ah cruel! Ver um instante
Teus olhos garços, tuas loiras lianças
Para meu lenitivo era bastante.

Ardo, choro, e não vens, e não te amansas!
Oh, Céus! Talvez nos braços cabeludos
De vil, bicórneo Sátiro descansas?
Fera, pior que os jacarés sanhudos,
Rirás talvez com ele, enquanto abalo
Com meus suspiros os penhascos mudos!
Ah!, de zelos frenéticos estalo,
E doces ilusões desvanecendo,
Na desesperação o Inferno igualo.
Quantas serpes contém seu bojo horrendo
Vem cravar-me o letal, maligno dente
Pelas entranhas, que me estão fervendo.
Como te sofre o Céu, como consente
Que ultrajem teus desdêns a prole augusta
Do númen, que maneja azul tridente!
Não ponderas quem sou, bárbara, injusta!
Se o meu rendido amor te não comove,
Nem meu grande poder sequer te assusta!
No mar à minha voz tudo se move: ~
Eu aos deuses undívagos intimo
Altos decretos do cerúleo Jove;
De Eolo as fúrias em tão pouco estimo,
Que até na horrível, sinuosa gruta
Com cem cadeias os tufões lhe oprimo;
Muge o Mar, treme a Terra, o Céu se enluta
Apenas, tempestade apregoando,
Este meu búzio côncavo se escuta;
Também, se quero, os duros sons lhe abrando,
E os magos versos do cantor de Trácia
Vou no rijo instrumento arremedando.
E desprezas-me ainda, e tens a audácia
De rejeitares com soberbo enfado
O filho de Neptuno e de Salácia!
Em quê, ninfa cruel, te desagrado?
Que te afugenta? As lúcidas escamas,
As verdes conchas de que estou forrado?
Pois isto que, por feio, em mim desamas,
E que te obriga a nunca me escutares,
Gera em mais dócil peito ardentes chammas.
Oh, quantas vezes sai dos vítreos lares,
Só para ver-me, Argínia, que, em se rindo,
Enfreia os ventos, agrilhoa os mares!
A Dóris, à benigna mãe fugindo,
Brando afago me traz no lácteo rosto:
O teu, vaidosa, o teu não é mais lindo.
Mas a seus doces mimos sempre oposto,
Acha meu coração, que foge dela
E vem sacrificar o amor ao gosto.
Debalde a triste ninfa se desvela
Em finezas e em lágrimas, que tudo

Enjeito por amar-te, oh dura, oh bela!
Com semblante enrugado e carrancudo,
Lhe atalho os ternos ais, e, se porfia,
Ou as costas lhe volto, ou fico mudo.
Oh, pasmo! Nem Proteu pensar devia
Que eu por uma campestre semideia
A prole de Nereu desprezaria.
Mas ah!, já sinto Amor que me refreia
A petulante voz. Não mais, perdoa
A desesperação, gentil Napeia.
Para meus braços amorosos voa,
Voa, e verás então que alegres hinos
Meu rude búzio, respirando, entoa.
Depois de ouvires os meus sons divinos,
Mergulhando comigo, irás sem medo
Aos majestosos paços neptuninos.
Lá, no seio de um côncavo rochedo,
Jaz de meu pai a esplêndida morada,
Donde para te ver saí tão cedo;
De oiro e safiras altamente obrada,
E de lustrosas conchas de mil cores
Com mimoso artifício variada,
Atrairá teus olhos, e os Amores,
Que te acompanham, lograrão, pasmados,
Mais prazer entre as águas, que entre as flores.
Ali sobre diáfanos estrados,
Ó Lília, a par de Tétis e Anfitrite
Repousarão teus membros delicados;
Em honra tua festival convite
Farei aos pátrios deuses: o meu gosto
Nos mesmos imortais inveja excite.
Meu venerando pai, no sólio posto,
Com grave riso e plácida alegria,
A senil ruga alisará no rosto;
Rubros corais, fulgente pedraria
Te oferecerá nos cândidos regaços
A chusma das Nereidas à porfia;
Aquelel mesma, que em gostosos laços
Pretende unir-me a si, teus olhos vendo,
Confio que te aperte entre seus braços. ~
Tanto poder terás! Ah!, vem correndo,
Que já seus raios de oiro o Sol dardeja
Do etéreo carro, o mundo esclarecendo:
Punge os Etontes, como que deseja
A queda antecipar nas águas, onde
De perto, oh ninfa, tuas graças veja.
Vem, pois, encanto meu, vem, corresponde
Ao fervoroso amor em que me inflamo,
Sai dentre a basta selva que te esconde.
Mas ai, que em vão te rogo, em vão te chamo:

Nem fazes caso de meu ser divino,
Nem das lágrimas tristes que derramo.
Peito insensível, peito diamantino,
As maviosas preces da ternura
Não amaciam teu rigor ferino.
Ah!, basta de cegueira e de loucura,
Basta de suspirar, paixão funesta,
Quem há-de numa penha achar brandura?
Víboras, que jazeis nessa floresta,
Vingai-me, envenenai co' o ténue dente
A ingrata que me foge e me detesta.
Sinta rábidas ânsias, como sente
Meu triste coração, de amor ferido,
Atassalhado de pior serpente...
Mas não. Fúrias do Inferno, eu vos convido,
Sois mais dignas de mim. De vós se vale
Um deus irado, um deus escarnecido;
Rebentai do vulcão, que o mundo abale;
E a peste, que exalais do peito horrendo,
O férreo coração de Lília rale!»
Calou-se, e do alto escolho à pressa erguendo
O formidável corpo, inda mais alto,
E as negras mãos, frenético, mordendo,
Por entre as ondas se abismou de um salto.

III

A NEREIDA

Idílio marítimo

À Foz do Mandovi sereno e brando
Alicuto infeliz estava um dia
Amorosos queixumes espalhando,
Alicuto, o Marítimo, que ardia
Por Glaura, das Nereidas a mais bela,
Que em vítrea lapa sem pesar o ouvia.
Doido pela não ver, doido por vê-la,
E nas algosas pedras debruçado,
Bradava desta sorte ali por ela:
«Tanto, ó Glaura cruel, te desagrado,
Que não deixas por mim nem um momento
As crespas ondas, o licor salgado?!
Olha que em ais e em lágrimas o alento
Me vai fugindo, que a mordaz saudade
Me rói continuamente o sofrimento;
Olha que lá me tens a liberdade,
E que mais te não peço em recompensa,
Que um ar benigno, uns longes de piedade.
É digno tanto amor de tanta ofensa?!
Ah!, que me faz odioso? A má figura?
O pé gretado, a pálida presença?
Queres só quem te iguale em formosura?!
Pois sabe que jamais verás objecto
Que possa merecer tua ternura.
Não devo à Natureza um grato aspecto,
É verdade: o meu mérito consiste
Num claro entendimento e puro affecto.
Se a compasso da lira o verso triste
Entoo alguma vez, ao som canoro
Ninguém, não sendo tu, ninguém resiste.
Que provas mais fiéis de que te adoro, ~
Que este incansável pranto? E finalmente,
Do meu mister que requisito ignoro?
Na manobra quem é mais diligente
Que eu? Quem sabe deitar melhor o prumo?
Quem no leme e na agulha é mais ciente?
A carga no porão com regra arrumo,
Sei pôr à capa, sei mandar à via, 8
Como qualquer piloto, e dar o rumo;
Sei como hei-de correr com travessia,
E pela balestilha ou pelo oitante
Achar a latitude ao meio-dia;

Sei qual estrela é fixa e qual errante;
A Lebre, o Cisne, a Lira, a Nau conheço,
E Oríon, tão fatal ao navegante.
Talvez muito vaidoso te pareço,
Mas devo assim falar, para que vejas
Que teus desdêns, ó ninfa, não mereço.
E se o que digo é pouco, e mais desejas,
Irei, pois, outros méritos ganhando,
Até que tu de mim contente estejas.
Tentarei, por fazer teu génio brando,
Nunca tentados, nunca vistos mares,
Os meus antepassados imitando.
E agora, se teus olhos singulares
Puseres à flor da água um só minuto,
Dando-me alívio, serenando os ares,
Quero fazer-te um mimo... Ai! Já te escuto,
Oíço-te já dizer que não cobiças
Donativos do mísero Alicuto.
Mas, apesar de tantas injustiças,
Hei-de cada vez mais mostrar-te o fogo,
Que tu com teu rigor nesta alma atiças.
Ah!, vem, Nereida, amanse-te o meu rogo:
Se te enoja o falar e estar comigo,
Não fales, aparece, e vai-te logo.
Topámos há três dias o inimigo
Na altura de Chaul; travámos guerra.
Senti do Português o esforço antigo;
Fez-se uma presa, repartiu-se em terra
Inda agora: o quinhão que lá me deram,
Este pintado cofrezinho encerra.
Nas mãos um colar de oiro me puseram
Sobre aljófares mil; vi que, por belos,
Do teu colo e teus pulsos dignos eram.
O mesmo foi pegar-lhes, que trazê-los
Para of'recer-tos. Vem (não é desdoiro),
Vem aceitá-los, ou sequer vem vê-los.
Mas que precisas tu, se és um tesoiro,
Se tens mais lindas pérolas na boca,
Se tens oiro melhor nas lianças de oiro!
Loucas ideias! Esperança louca!
Louco Amor! E of'reci com voz ousada
À filha de Nereu coisa tão pouca!
Mas se nem alma tão fiel te agrada,
Um pobre, ó Glaura, um triste marinheiro
Que mais te há-de of'recer? Não tem mais nada.
Já te entendo (ai de mim!). Bem sei; primeiro,
Qual Glauco irei vagar no pego vasto
Sobre as espaldas de delfim ligeiro;
Pelo embate das ondas será gasto
Do soberbo Neptuno o grão tridente,

E os palmares às focas darão pasto;
Lá no oposto horizonte do Ocidente
O dia apontará, primeiro (ah dura!)
Que tu me atendas uma vez somente.
Eu que fiz, miserável! Porventura
Amor é crime?! Para ser querida
Não criou Jove eterno a formosura?
A que foi, como tu, no mar nascida,
Por vencer Juno e Palas na beleza,
Mais que Palas e Juno é aplaudida.
Porém se ainda assim supões vileza
Sofreres que um mortal se afoite a amar-te,
Sendo tu de mais alta natureza;
E se levas a mal o importunar-te
Com ais um coração desesperado,
Tirana, porque tardas em vingar-te?
Pune, pune este amor desatinado;
Eu não fujo, aqui estou: das ondas saia
Tragador jacaré, por ti mandado.
Sobre mim de repente o monstro caia:
Folgarás, vendo o sangue de meu peito
Às golfadas saltar, tingindo a praia.
E eu morrerei contente e satisfeito
Por escapar de estado tão penoso,
E inda mais por morrer por teu respeito.
Só temo que o meu caso lastimoso,
O deplorável fim dos meus amores
Faça teu nome a todos horroroso.»
Prosseguiria o triste em vãos clamores,
Mas viu que para ali vinham remando
Nos lúbricos sadós os pescadores,
E ficou mudo, para o mar olhando.

IV

LÉNIA

Idílio piscatório

As árvores estavam gotejando,
Bramia ao longe a costa, e ressoava
Pavoroso trovão de quando em quando.
Tudo horror e tristeza respiravas
Os ares, a montanha, o rio, o prado,
E mais triste que tudo Elmano estava,
O pescador Elmano, o malfadado,
Que em aziago instante a luz primeira
Viu lá nas praias, onde morre o Sado.
Tu, pernicioso Amor, fatal cegueiras
Reinavas no infeliz, que em vão carpia
Do claro Mandovi sobre a ribeira.
«Oh, Náiade formosa! (ele dizia),
Oh, Lénia encantadora, a meus clamores
Tão surda como a surda penedia!
Da boca, sempre escassa de favores,
Que te exala um perfumes um ar divino,
Mais doce do que o hálito das flores,
De uma palavra só pende o destino
Da paixão deplorável com que gemo,
Que se vai transformando em desatino.
Reduzido me vejo a tal extremo,
Tão macerado estou pelo desgosto,
Que até me esfalfa o menear do remo.
Por ti com terno pranto alago o rosto,
Por ti mil noites velo, amargurado,
E ao mau relento na almadia exposto.
Já que tens nos teus olhos o meu fado,
Vem consolar-me ao menos co'um sorriso;
Vai-te depois, e deixa-me enganado.
Há quantas horas estas margens piso!
Há quantas pelas ondas te procuro!
Há quantas, quantas mais te não diviso!
Da tua branda vista o raio puro,
A cor celeste, o frouxo movimento
Aclarem, branca Lénia, o tempo escuro.
Assanha as ondas o ímpeto do vento,
Negreja pelos ares o sombrio,
Grosso vapor do Inverno turbulento.
Glória das Ninfas, glória deste rio,
Surge, assoma, apareces e teus encantos
Farão súbito aqui brilhar o Estio.

Ao som das águas ouvirás meus cantos,
Ou antes (se meus versos abominas),
Ao som das águas ouvirás meus prantos.
Sai das húmidas lapas cristalinas,
Onde Tétis louçã contigo mora,
Tétis em cujos braços te reclinás.
Oh, feliz pescador! Oh feliz hora!
Oh, dia de prazer, se te mereço,
Que saias uma vez das ondas fora!
Não posso dar-te aljôfares de preço:
Tortos búzios, seixinhos luzidios,
E amor, é o que tenho, isso te ofereço...
Que sonhos! Que ilusões! Que desvarios!
Quererás estes dons, tu, que apetece
Ais a milhares, lágrimas em rios?!
Tu, que foges de mim, que me aborreces,
E que talvez contente lá no fundo
Ao eco de meus gritos adormeces!
Tu mais cruel que o tigre furibundo,
Que o jacaré voraz e as outras feras
Das toscas brenhas e do mar profundo!
Tu, que num ódio bárbaro te esmeras,
Quando a ter compaixão de meus gemidos
Até dos brutos aprender puderas!
Quantas vezes, de ouvir-me enternecidos,
Sobem à tona da água os lisos peixes,
Que já não são do meu anzol feridos!
Ah!, teu cego amator morrer não deixes;
Sequer mostra-te ao longe, inda que os belos
Olhos teus, por não ver-me, ó Lénia, feches.
Negas, talvez, piedade a meus desvelos,
Porque de lá me espreita o cabeludo,
Monstruoso Tritão, fervendo em zelos?
Ele é deus, eu mortal, mas não tão rudo,
Não tão negro como ele, e até lhe oponho
Um amor mais sincero e mais sisudo.
Enfim, de ser quem sou não me envergonho,
Nem tenho, ó Lénia, que rogar ao Fado,
Quando co'a posse de teus mimos sonho.
Pergunta a quantos vêm do Tejo e Sado,
Se ali me condenou vil nascimento
A este, em que mourejo, humilde estado.
Sempre entre os mais honrados tive assento,
Venho dos principais da minha aldeia:
Não cuides que vãs fábulas invento.
Lá sobre lindas flores, que meneia
Sadia viração, cantei mil versos,
Mil versos de que tinha a mente cheia.
Trabalhos, aflições, fados adversos
A melodia, a graça me apoucaram

Em climas do meu clima tão diversos.
Porém que digo! As águas inda param,
Se alguma vez em doce, em triste canto
Meus frouxos lábios o meu mal declaram.
Só tu, ninfa gentil, desta alma encanto,
Me foges e supões que te assegura
Perpétua glória meu contínuo pranto.
Condição insensível à ternura
Do mais perdido amante, a Natureza
Te deu para senão da formosura.
Não alardeies da feroz crueza:
Pondera que o rigor pode privar-te
De adorações, que atraí tua beleza.
Mas não, já me desdigo. Onde, em que parte
Há-de existir um coração tão duro,
Que por seres cruel deixe de amar-te,
Se, qual cheia que aterra estável muro,
Tu, posto que suave e brandamente,
Avassalas o arbítrio mais seguro?
Ah!, vem por cima da fugaz corrente
Dar lenitivo à dor, que despedaça
Meu fiel coração, meu peito ardente.
Concede a tantos ais só esta graça:
Vem, Lénia, vem dizer-me por piedade,
Que alto excesso de amor queres que eu faça.
De bom grado, e sem medo à tempestade,
Se o mandares, verás que à vela eu corro:
O mal com que eu não posso é a saudade.
Mas ímpia, tu não vens, não dás socorro
Às minhas aflições, aos meus clamores;
Eu caio, eu desfaleço, eu morro, eu morro...
Cavai-me a sepultura, ó pescadores!»

V

AS TÁGIDES

Idílio piscatório

Oferecido em Goa ao Senhor Sebastião José Ferreira Barroco, Desembargador da Casa da Suplicação e Secretário do Estado da Índia

INTERLOCUTORES: Sadino e Tagano

Nem só comove o tom de altos cantores;
Enternece também, também recreia,
Ao som de cristalina e tarda veia,
A rude e baixa voz dos pescadores.

Tu, pois, cujo pincel produz mil flores
Dos campos que Hipocrene aformoseia,
Queixumes contra Armia e Dinopeia
Ouve a seus desgraçados amadores.

Ais que deram no Tejo aqui voaram,
Depois de serem lá desatendidos
Das Tágides cruéis, que os motivaram;

Agora vão parar nos teus ouvidos,
E neles com razão, Sebástio, param,
Que não te enjoas de escutar gemidos.

*

De Sadino e Tagano os vãos clamores
Em toco verso renovar desejo,
Ambos amantes e ambos pescadores.

Parece-me que ainda os oiço, os vejo,
Como quando escondido os espreitava
Oxide, salgado já, sussurra o Tejo.

No regaço de Tétis descansava
O loiro Febo; à porta do Ocidente
A Noite sobre o carro negrejava;

Ia para os casais a rude gente;
Só do curto batel os dois soltavam
Queixas, lágrimas, ais inutilmente.

Morriam de saudades, suspiravam
De amor por Dinopeia e por Armia,
Que entre o coro das Tágides brilhavam.

O choroso Tagano a voz erguia.
E Sadino após ele: eu sempre atento
Decorava entretanto o que lhe ouvia,
E tal era o recíproco lamento:

TAGANO

Armia, no semblante mais serena
Que o manso Tejo azul, quando nem bole
A ténue viração na tarde amena,
Embalando o raminho curvo e mole;
Mais impia a quem por ti nem olhos cena,
Que o tubarão no mar, que o lobo em terra.

SADINO

Dinopeia, mais loira e mais corada
Que a nuvem da manhã, do Sol ferida;
Mais branca, mais gentil, mais engraçada
Que a deusa que é dos deuses tão querida;
Mais cruel, mais fatal a um triste amante,
Que o canto da sereia ao navegante.

TAGANO

Mil vezes corro a praia, ora apanhando
Conchinhas para ti, bela inimiga,
Outrora dos penedos arrancando
Raiados mexilhões, de que és amiga:
As mãos, por te agradar, mil vezes firo,
E nem sequer me sofres um suspiro.

SABINO

Ruivas lagostas, maculosas trutas,
O salmonete, o pâmpano te ofereço
Para atrair-te, para ver se escutas
Parte das penas que por ti padeço;
Mas se vou dar-tos, foges de improviso,
E nem sequer me enganas co'um sorriso.

TAGANO

Viste bater no baixo pedregoso
Miseria nau, dos ventos impelida,
Que, aberto o frágil centro cavernoso,

Em breve pelas vagas é sorvida?
Pois, qual a triste nau sobre os escolhos,
Minha alma vim perder nesses teus olhos.

SABINO

Não tens visto das ondas agitada
A bóia, sem parar um só momento,
Ou quem sobre escarcéus com ânsia nada,
Quase rendido à fúria do elemento?
Pois tal meu coração, por culpa tua,
Em amorosas lágrimas flutua.

TAGANO

Inda, ninfa cruel, não te entenece
Um triste, em pranto, em ais quase desfeito?
Ah!, que não sabes quanto mal parece
Um feroz coração num lindo peito,
Num corpo delicado alma tão dura,
Tanta maldade em tanta formosura!

SABINO

Não basta ainda, ó Tágide, não basta
De ofensas, de rigor, de iniquidade?
Em que peito arderá paixão mais casta,
Do que a minha paixão? Quem na lealdade,
Quem me vence no amor? De um teu benigno,
De um teu suave olhar quem é mais digno?

TAGANO

Querem-se os brutos: amam-se os golfinhos,
E os outros peixes no interior das águas;
Dão-se mil beijos os fiéis pombinhos,
A todos causa Amor prazer ou mágoas,
Só tu, que o seu poder não reconheces,
Nem por Amor te alegras, nem padeces.

SABINO

Gemer o deus da Guerra os Céus ouviram
Pela filha do mar, mãe dos Amores;
Namorado Neptuno as ondas viram,
E ao selvático Pã os seus pastores;
Ardeu também por Ácis Galateia:
Quem te resiste, Amor? Só Dinopeia.

TAGANO

Se por ser pescador te desagrado,
Se o meu sórdido ofício te injuria,
Também com redes Glauco foi criado,
Glauco viveu também da pescaria:
Que importou ser humilde? É deus agora,
Hoje como deidade o mar o adora.

SABINO

Se acaso de meu rosto a cor tostada,
Meus pés grosseiros, meu cabelo escuro,
E esta mão, das escotas calejada,
Me ganham teu desprezo amargo e duro,
Vê, que nem só na graça e na beleza
Faz consistir seus dons a Natureza.

TAGANO

Eis por entre as estrelas vem raiando
A alva Lua... Eia, assome, ó ninfa bela,
Teu brando corpo sobre o Tejo brando,
E sobre o Tejo brilhará mais que ela;
Dá, dá glória a meus olhos... Mas ai, louco,
Que esfalfo em gritos vãos o peito rouco!

SABINO

Deixa, causa gentil de meus martírios,
Deixa o fundo arenoso, é tempo, amansa
Com tua vista as ânsias, os delírios
Desta alma, que sem ver-te não descansa.
Vem, pois, e o meigo Amor contigo venha...
Mas triste, com quem falo! Ah!, co'uma penha.

TAGANO

Suaves esperanças até'gora
Nutri de amaciar teu génio duro,
Que por costume ao coração que adora
Sempre se representa um bem futuro;
Mas menos cego já, menos insano,
Ouvidos quero dar ao desengano.

SABINO

Até'gora pensei que os teus rigores
A força das finezas cederiam,
Que minhas queixas, lágrimas e amores
Ao menos compaixão te inspirariam;

Crédulo fui, mas já desenganado
Conheço que o meu mal provém do Fado.

TAGANO

Já não te aflijo mais, cruel, sossega,
Repousa, vive alegre e descansada;
Nunca mais, apesar da paixão cega,
Com meus gritos serás importunada;
Mas teme que dos Deuses a vingança
Venha punir tão bárbara esquivança!

SABINO

Já me calo, cruel, já não prossigo
Nestes vãos desafogos da amargura;
Assaz desperdicei meus ais contigo,
Desperdiçá-los mais será loucura;
Mas treme, treme; ainda que te escondas,
O raio vingador penetra as ondas!

*

Faltos de alento os dois aqui pararam,
Um para o outro olhando,
Em silêncio a chorar continuando,
E depois que esgotaram
De infrutuosas lágrimas o peito,
Se foram recolher no tosco leito.

VI

FILENA OU A SAUDADE

Idílio pastoril

Que terna, que saudosa cantilena
Ao som da lira Melibeu soltava
O pastor Melibeu, que por Filena,
Pela branca Filena em vão chorava!
Inda me fere o peito aguda pena,
Quando recordo os ais que o triste dava,
O pranto que vertia, amargo e justo
À sombra que ali faz aquele arbusto.

Tu, maviosa a choros e a clamores,
Tu, Vénus (Vénus só na formosura),
Luz de meus olhos, únicos amores
Desta alma, e seu prazer, sua ventura,
Que, reclinada, amarrotando as flores,
Descansas em meu peito a face pura,
Ouve-me os ais e as queixas de outro amante.
Que ao teu no ardente extremo é semelhante.

«Céus! (assim começou, e eu escondido
Entre as copadas árvores o ouvia),
Por vós em duras mágoas convertido
Vejo enfim todo o bem que possuía.
À cândida Filena estar unido
Julgastes que um pastor não merecia;
A mais doce prisão de Amor partistes.
Ajuda, triste lira, os versos tristes.

«Mal haja a lei dos Fados inclemente!
O seu poder, o seu rigor praguejo.
Morte! Geral verdugo! Estás contente?
Já saciaste o sôfrego desejo?...
Mas Filena inda é viva, inda me sente
Suspirar nos seus braços; inda a beijo!...
Ah!, meus olhos, morreu: sem alma a vistes.
Ajuda, triste lira, os versos tristes.

«Em ti, cara Filena, a sepultura
Tem de Amor, tem das Graças o tesoiro;
Ali te arranca a Morte acerba e dura
Da mimosa cabeça as tranças de oiro.
Eis terra, eis cinza, eis nada a formosura...
Ah!, que não pude perceber o agoiro

Com que esta perda, ó Fados, me advertistes!
Ajuda, triste lira, os versos tristes.

«Um dia, há tempos, Lénia, a feiticeira,
Me disse: “Grande mal te está guardado!”
Não mo quis declarar; e ave agoireira
De noite me piou sobre o telhado:
Cuidei que perderia a sementeira,
O rebanho, o rafeiro... Ah desgraçado!
Perdeste mais, e a tanto inda resistes!
Ajuda, triste lira, os versos tristes.

«A tua meiga voz, o teu carinho
Maior falta me faz, minha Filena,
Que lá no bosque ao rouxinol sozinho
Da presa amiga a doce cantilena.
O teu branco, amoroso cordeirinho,
Mal que se viu sem ti, morreu de pena:
Balar saudoso, ó montes, vós o ouvistes.
Ajuda, triste lira, os versos tristes.

«O meu rebanho definhou de sorte,
Depois que te perdi, que anda caindo;
Seca estes campos o hálito da Morte
Desde que ela sumiu teu gesto lindo.
Rogo-lhe vezes mil, que me transporte
Lá onde, como estrela, estás luzindo,
Lá onde, alegre para sempre, existes.
Ajuda, triste lira, os versos tristes.

«A roseira também que tu plantaste,
Teu prazer, e prazer da Natureza,
Murchou-se logo assim que tu murchaste,
Oh, flor na duração, flor na beleza!
A pequenina rola, que apanhaste,
Não comeu mais, finou-se de fraqueza:
Por que blasfémia, ó deuses, me punistes?
Ajuda, triste lira, os versos tristes.

«Já pelas selvas, ao raiar da Aurora,
Caçando, as tenras aves não persigo;
Tudo me anseia, me enfastia agora,
Nem sofro os que por dó vêm ter comigo.
Figura-me a saudade a toda a hora
Ternas delícias, que logrei contigo.
Ah!, quão depressa, gostos meus, fugistes!
Ajuda, triste lira, os versos tristes.

«Como as formigas pelo chão, no estio,
Ou como as folhas pelo chão, no Inverno,

No aflito coração, que em ais te envio,
Jazem penas cruéis, quais as do Inferno:
Ora me sinto arder, outrora esfrio,
Desfaz-me em ânsias um veneno interno.
Talvez meus pés, ó víboras, feristes!
Ajuda, triste lira, os versos tristes.

«Nos troncos e nos mármoreos gravemos
Memórias de Filena idolatrada,
Tão digna de suspiros e de extremos,
De tantos corações tão cobiçada:
Amor! Amor! Seu nome eternizemos...
Ai, que me falta a voz! Socorro, amada;
Conforta-me dos Céus aonde assistes!
Não mais, ó triste lira, ó versos tristes.»

VII

CRINAURA OU O AMOR MÁGICO

Idílio farmacêutrio

Já, da noite ametade anunciando,
O galo velador tinha cantado;
Regougavam nas serras as raposas,
Carpíam pelas árvores os mochos,
E no sórdido lago as rãs coaxavam.
Por entre densas, pluviosas nuvens,
Prenhes de raios, transluzia apenas
Semimorto clarão da frouxa Lua.
Entregue ao sono o racional jazia
Ou nos braços de amor, ou solitário,
Sobre cama de feno ou leito de oiro,
Segundo teus caprichos, ó Fortuna,
Com que dás tudo a uns, a outros nada.
Só num bosque de víboras coalhado,
Fértil de sombras, sombras dos Infernos,
Num ermo, onde não há pegada humana,
Que dos magos noctívagos não seja,
Velava um deles, o amoroso Elmano,
Perto de turvo e rápido ribeiro,
Que do atro seio de horrorosa gruta
Com ríspido sussurro ia correndo.
Fantasmas infernais que a negra noite
Arroja à terra, sacudindo o manto,
Vagavam por ali: Górgonas, Fúrias,
Que o pavoroso Báratro vomita;
Que exalam peste das cruéis entranhas,
As serpes as melenas assanhavam
Em torno do infeliz, queixoso amante,
Influindo-lhe a raiva, a dor e a morte.
No centro da terrível assembleia
Com carrancudo aspecto o malfadado
Só tinha em ti, Crinaura, os pensamentos:
Tu lhe negavas o fulgor suave
Com que teu rosto os céus abrilhantaram.
Longe estavas, cruel, porém supriam
Aos olhos corporais os olhos da alma;
Longe estavas, cruel, porém pasmado
Na fantástica imagem de teu gesto,
Que vivamente Amor lhe debuxava,
Desta maneira os ares atroava:

ELMANO

«Potentes versos meus, arte divina,
As tartáreas cavernas invadistes,
Comovestes Sumano e Proserpina,
Hidras, Cerastes, Fúrias atraíste;
Da fresca Lua a face cristalina
Com tenebrosas nuvens denegríste;
Domais as feras nesta horrível mata:
Só não podeis vencer Crinaura ingrata!

«Versos! Versos! Oh, dádiva celeste!
Apinhando os delfins ao som da lira,
O músico Aríon remir pudeste
Das cobiçosas mãos, em que caíra;
Desarreigaste as árvores, soubeste
As penhas derreter! Amor te inspira,
Amor a força tua em mim dilata,
E não hás-de vencer, Crinaura ingrata!

«Versos! Versos! Nas ermas sepulturas
Com graça, pelas Graças influída,
Furtando as almas das prisões escuras,
Tornais às cinzas o calor e a vida;
A Dite, revogando-lhe as leis duras,
Tirais a Ninfa do áspide mordida:
Tanto podes, ó arte aos deuses grata!
Só não triunfarás daquela ingrata!

«Ah!, sim, tentemos outra vez a sorte;
A ternura porfie, a paixão teime.
Deixai-me, ó Desenganos, longe, ó Morte!
Deus Febo, teu fervor minha alma queime!
Eia, Vénus e Amor, dai-me um transporte
Digno de vós, ó filho!, ó mãe! Valei-me,
Não só, não só por mim; de vós se trata:
Vós venceis, se eu vencer, Crinaura ingrata.

«Solte-se a veia, príncipe o encanto.
Versos! Versos! Crinaura! Eu tos envio.
Eis nas plumas do Zéfiro o meu canto,
Eis íris sobre o ar húmido e frio:
Cessa o berro da rã, do mocho o pranto;
Ficam mudas as Fúrias, mudo o rio;
Lá mostra a Lua a face prateada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

«Esta semente de fragrância bela,
Aos raios venerável como o loiro,
Planto aqui: flores mil brotarão dela
Súbito... Ah!, ei-las, é feliz o agoiro.
Acendamos três vezes esta vela,

Crestemos à terceira este besoiro:
Minha mestra ma deu, Canídia, a fada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

«As amoras silvestres espremamos
Neste vaso de Alceu, mágico experto;
Sobre o licor sanguíneo desfaçamos
Folha a folha este cravo meio aberto;
Misturemos-lhe agora o mel e os ramos
Que torrei, que moí, remédio certo
Contra o negro lacrau. Não falte nada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

«Pondo este roto véu, que era de Circe,
Depois batendo o pé, Lâmia podia
Converter-se em morcego e restituir-se
À forma natural, quando queria.
Eis o buço de lobo: a sábia Tirse
Com ele assombros mil também fazia,
Já com isto em serpente a vi mudada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

«Pus a secar debaixo de um penedo
Crescida e gorda rã, que apanhei viva;
Dois ossos lhe guardei. Pondo-lhe o dedo,
Qualquer amante, seu amor se aviva;
Tem a virtude, enfim, tem o segredo
De amansar lobos: a caduca Oliva
Com eles das mãos dum foi já tirada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

«A torta vara, com que Iheu fazia
Milhões de espectros negrejar nos ares,
Com que ao mínimo aceno embravecia
Plácidas auras, bonançosos mares;
Parte do incenso, que Medeia impia
Dava da horrível Hécate aos altares,
Guardo naquela gruta ao sol vedada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

«Falta a cinza (ei-la aqui) do corvo branco,
Que Lícidas caçou, que tanto estimo.
Dos feridos com ela o sangue estanco,
E os quase mortos, em querendo, animo.
Eis a admirável planta, com que arranco
As mais cravadas setas, eis o limo,
E esta concha no Eufrates apanhada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

«Produzi, meus encantos, vosso efeito

Para glória de Amor e glória minha;
Venha curar o mal que me tem feito
Aquela em cujos olhos me mantinha.
Trazei-a... Ah!, que prazer me inunda o peito!
Que luz, que objecto para mim caminha!
Que força oculta as forças me restaura!
Basta, meus versos: ali vem Crinaura.»

VIII

ARSELINA

Idílio pastoril

Lá onde em fofa espuma se despenha
O gárrulo Alviela transparente
De alcantilada, ruínosa penha,
Quando as sombras caíam do Ocidente,
Renovando seus ais a ave nocturna,
E a rã loquaz seu cântico estridente;
Jazia o triste Elmano em ampla furna,
Que, roçando a corrente cristalina,
Nega o côncavo seio à luz diurna.
Ali ao som da humilde sanfonina
O pastor solitário em vãs endechas
Dava às traições e às graças de Arselina
Ternas saudades, lastimosas queixas:

«Desce, Noite piedosa, estende o quanto,
Que doiram do céu puro os vivos lumes;
Torna, torna este horror mais denso, enquanto
Dirijo inúteis ais aos surdos Numes.
Dobra a tristeza do funéreo canto,
Ó mocho, afeito às sombras, aos queixumes,
E tu, com quem meus males só mitigo,
Instrumento fiel, geme comigo.

«Arselina se entrega ao rude Algano,
Em campos, em manadas opulento;
De amor se esquece, esquece-se de Elmano,
Elmano lhe voou do pensamento.
Cruel certeza! Amargo desengano!
E inda não me abafais o ansioso alento?!
Vida, teimosa vida, eu te maldigo!
Instrumento fiel, geme comigo.

«Fujam das mães os tímidos cordeiros
Para o lobo voraz de hoje em diante;
Voem para os milhafres carniceiros
A pomba namorada, a rola amante;
Unam-se os céus e os íngremes oiteiros;
Ó torpe Algano, aos brutos semelhante,
Que Arselina também se uniu contigo,
Instrumento fiel, geme comigo.

«Eu, cativo de amor, cantando amores,
Mil vezes tenho os Zéfiro calado;

Eu pelos maiores e guardadores
O cantor, o poeta sou chamado;
Eu, e mais de uma vez, com hera e flores,
Vencedor no arraial, fui já c'roadado;
Eu passei na carreira o leve Eurigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

«Algano, mais agreste e carrancudo
Que as noites em que o Sul goteja e berra,
Sabe apenas seguir o arado agudo,
E os bois aguilhoar, se acaso emperra;
Nas festas, nos serões parece mudo;
E estala, quando vê na alheia terra
Ceres mais liberal, mais grado o trigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

«Mas, tal qual é, dos mimos de Arselina
Goza o boçal vaqueiro, enquanto eu choro;
No colo a negra face lhe reclina,
E une a mão calejada à mão que adoro...
Ah, pastora infeliz! Que encanto ou sina
Te fez de um monstro escrava! Eu te deploro.
Tens na tua cegueira o teu castigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

«A gralha idosa com sinistro agoiro,
Triste mulher, predisse-me o teu fado;
Mas ai, que vã quimera! A fome de oiro
Fez-te perjura e fez-me desgraçado.
Tiveste por baixeza e por desdoiro
Dar-te a pobre pastor de estranho gado:
Desdenhar a indigência é uso antigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

«Porém no fatal dia, em que formaste
O pacto vil com sórdida avareza,
Não tremeste, infiel, não te lembraste
De tantos votos de imortal firmeza?
Das vezes que em teus braços me apertaste,
Do último excesso, da maior fineza?
Dize tu, dize, ó Noite, o que eu não digo!
Instrumento fiel, geme comigo.

«Ah!, praza, praza aos Céus que ainda seja
Pesado à falsa o laço vergonhoso;
Ah!, praza, praza aos Céus, que eu ainda a veja
Chorar desprezos do grosseiro esposo:
Para meu vingador o Fado eleja,
O mesmo que o viver me faz penoso,
Do meu sossego o bárbaro inimigo.

Instrumento fiel, geme comigo.

«As chagas que me abriu alma perjura,
A imagem da traição que nos afasta,
A ausência curará, que tantos cura,
O tempo gastará, que tudo gasta;
Mas em que fundo a néscia conjectura,
Se invencível poder me atrai e arrasta?
À cabra segue o lobo, a Amor eu sigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

«O galgo esguio, a lebre temerosa
Hão-de unidos brincar por entre o mato;
Tereis, branco jasmim, sanguínea rosa,
Desengraçada a cor e o cheiro ingrato;
Será mais que a do cisne harmoniosa
A voz do negro corvo, ou rouco pato,
Antes que cesse o mal, que na alma abrigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

«Enquanto o suco do tomilho amarem
Os mordazes enxames voadores,
E o Sol e a Lua pelo céu girarem,
E a mais bela estação der vida às flores;
Quantos arderem, quantos suspirarem,
Quer tristes, quer ditosos amadores,
Hão-de falar de mim com dor e espanto.
Instrumento fiel, põe fim ao pranto.»

IX

FELIZA

Idílio pastoril

No carro azul, de estrelas marchetado,
A Deusa, que o silêncio traz consigo,
Dera a parte maior do giro usado.
No mole colmo, no grosseiro abrigo
Convertia as fadigas dos pastores
Em doce languidez o sono amigo.
Nem bocejava Zéfiro entre as flores,
Nem murmurava o Tejo, e só carpiam
Contigo, Elmano, as Musas e os Amores.
Eles teus pensamentos atraíam,
Elas na lira, a queixas costumada,
Os lassos, frouxos dedos te regiam.
Anguícoma Sibila, anosa fada,
Envolta em parte do nocturno manto
Numa gruta, onde jaz do Averno a entrada,
Leu, sussurrou, lá de hórrido recanto,
Teu destino em fatídico volume,
À luz do inextinguível amianto.
Foste por lei de inexorável Nume,
Que chamam Sorte, condenado às penas
Do inferno dos viventes, o Ciúme.
Negra paixão, que as almas envenenas,
Que, cevando em visões o pensamento,
Bradas pela vingança, à morte acenas.
São ternos corações o teu sustento,
E em torrentes o pranto, o sangue em lagos
Grata bebida a teu furor sedento.
Amor é todo riso, é todo afagos;
Tu, de suave planta amargo fruto,
És todo horrores, frenesis e estragos.
Como que o pobre Elmano ainda escuto,
Que ao céu volvia o rosto amargurado,
Nunca de acerbos lágrimas enxuto;
Como que ainda observo o desgraçado
Lá nos campos de Scálabis antiga,
Onde está vigiando alheio gado.
-Memória, sê fiel, para que eu diga
As mágoas que espreeitei, pasmado e mudo,
Quando... Mas ao silêncio a dor me obriga;
Musas, falai, nem todos podem tudo.

ELMANO

«Enquanto a compassiva escuridade
Adoça minha dor, minha tristeza,
Enquanto na geral tranquilidade
Se refaz a cansada Natureza,
Com prantos de ciúme e de saudade
Gastemos destas rochas a dureza.
Acompanha meus ais, brando instrumento,
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

«Não corre o Tejo, o vento não respira,
Lobo não uiva, mocho não pranteia,
E o doce rouxinol, que amor inspira,
Não trina afagos, nem a rã vozeia;
O ténue vagalume apenas gira
Pelos ares, doirando a sombra feia;
Dos queixumes de amor eis o momento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

«Cavei no rio, semeei nos ares,
Presumi nos leões achar brandura,
Os ventos apalpar, conter os mares,
E no amargoso fel achar doçura,
Quando, exercendo excessos a milhares,
Quis segurar o que ninguém segura,
O feminino, errante pensamento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

«Qual a tenrinha flor, que o chão matiza
E os Zéfiro atrai com seu perfume,
Murcha e desbota, se o descuido a pisa,
Ou da fouce a reparte o liso gume:
Tal a esperança, que me deu Feliza,
Amortecida jaz pelo ciúme,
Serpe que nas entranhas apascento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

«Chamam-te gosto, Amor, chamam-te amigo
Da Natureza, que por ti se inflama;
Dizem que és dos mortais suave abrigo;
Que enjoa e pesa a vida a quem não ama,
Mas com dura experiência eu contradigo
A falsa opinião, que um bem te chama:
Tu não és gosto, Amor, tu és tormento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

«Feliza de Sileu! Quem tal pensara
Daquela, entre as pastoras mais formosa
Que a vermelha papoila entre a seara,
Que entre as boninas a corada rosa!

Feliza por Sileu me desampara!
Oh, céus! Um monstro seus carinhos goza;
Ânsia cruel me esfalfa o sofrimento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

«Ingrata, que prestígio te alucina?
Que mágica ilusão te está cegando?
Que fado inevitável te domina,
Teu luminoso espírito apagando?
O vil Sileu não põe na sanfonina
Jeitosa mão, nem pinta em verso brando
Ondadas tranças, que bafeja o vento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

«À rude casca do carvalho anoso
É conforme o pastor que me preferes.
Ganhar na aldeia um título afrontoso
Com esse amor indigno, ó vária, queres?
Porém, de que me admiro? Ai, desditoso!
Quem prende os corações das vãs mulheres?
Capricho, és tu; não tu, merecimento!
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

«Metade do infeliz género humano
Deriva da mulher gosto e desgosto,
Que ela sabe co'a voz doirar o engano,
O Inferno traz no peito, o Céu no rosto;
Seu carácter falaz, seu génio insano
De imperfeições, de vícios é composto,
Seu corpo de mil graças é portento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

«Mas, pastora infiel, se a melodia
Do canto em que entoava os teus louvores,
A vontade, os sentidos te atraía,
Como juraste à face dos Amores,
Dá-me a razão da horrenda aleivosia,
Que cede a torpe objecto os teus favores;
Finge-a, que eu te perdoo o fingimento.
Une teus sons, é lira, ao meu lamento.

«Mas que razão darás à falsidade,
Que te enxovalha, que te infama o peito,
Senão que é própria nele a variedade,
Senão que à vil perfídia o tens afeito?
Constância feminina é raridade
(Ouvi ao bom Francino este conceito),
Em vão recorde o sábio documento.
Une teus sons, é lira, ao meu lamento.

«Talvez..., oh ânsias! A importuna Aurora
Os ares manso e manso purpureia;
Já volve a praguejada, infeliz hora,
Que os ais me corta, as queixas me refreia;
Fujamos, pois, que a música sonora
Dos ledos passarinhos mais me anseia;
'Té que a noite abrilhante o firmamento,
Cessem, lira, os teus sons e o meu lamento.»

X

FLÉRIDA

Idílio pastoril

Ó monte, monte estéril e escalvado,
Amiga solidão, tristeza amiga!
Eis um pobre pastor e um pobre gado,
Eu cheio de saudade, ele de fome
Permite, Amor, que eu diga,
Por desafogo, o mal que me consome.
Os clamores sentidos
Da solitária Ninfa, que responde
A meus ternos gemidos
Lá da gruta ou da mata em que se esconde;
Vão ser noutros outeiros,
Vão ser noutras montanhas pregoeiros
Das ânsias a que Flérida me obriga.
E tu ouve injustiças do meu fado,
Da minha doce e bárbara inimiga,
Ó monte, monte estéril e escalvado,
Amiga solidão, tristeza amiga.

Despenhada corrente,
Modera a natural velocidade,
Ah!, que assim como foges, de repente
Fugiu do peito a Flérida a piedade;
Assim como te lanças
No vale, onde te empoças, onde cansas,
Do seio da Alegria
Caiu meu coração no da Agonia.
Para ouvires melhor um descontente,
Sumido nesta inculta soledade,
Despenhada corrente,
Modera a natural velocidade.

Passarinhos amantes,
Já cantei como vós, mas já não canto;
Passarinhos errantes,
A vil ingratidão me deu quebranto.
Flérida está-se rindo, Amor suspira,
Vendo no chão desfeita a minha lira,
Amor, que sons piedosos lhe emprestava,
Com que o monte abalava,
Com que as águas prendia,
Com que o bruto rebanho enternecia.
Ah!, morreu-me o prazer, nasceu-me o pranto,

Não sou quem era dantes.
Passarinhos amantes,
Já cantei como vós, mas já não canto.

Ó Napeias mimosas,
Que tendes preso Amor nas tranças de oiro,
Onde o perfume dos jasmíns, das rosas
Adoça o cativo ao Moço loiro!
Ó mimosas Napeias!
Vós, que entre as flores,
Já fugindo aos caprinos amadores,
Já compassando festivais coreias,
Defendeis inocente formosura
Do perigoso assalto da ternura,
Vinde, vinde atender-me;
De vós não quero amor, quero piedade,
Nem vós podeis prender-me,
Que eu deixei noutras mãos a liberdade.
Vinde ouvir minhas vozes lastimosas,
Mais tristes que a dos pássaros de agoiro,
Ó Napeias mimosas,
Que tendes preso Amor nas tranças de oiro!

Amo Flérida bela,
Tão bela como vós, porém mais dura;
Amo Flérida, aquela
Que foi a Amor, aos Céus e a mim perjura;
Aquele que algum dia
Entre os cândidos braços me apertava,
Que, apenas os meus ais voar sentia,
Suspiros com suspiros misturava;
Que num terno transporte
Jurou pela alta mão, que move o raio,
Que, a ser possível, com valor constante,
Com risonho semblante
Mil vezes tragaria o fel da morte
Primeiro (oh, juras vãs!) que me negasse
Os seus olhos gentis, por quem desmaio!
Aquele que me deixa,
Que nunca suspeitei que me deixasse.
Vós, que ouvis minha queixa,
Cordeiros ovelhinhas,
Que para mim com mágoa estais olhando,
Promessas da cruel, promessas minhas,
Vós escutastes, de prazer saltando,
Nesses dias tão bons, tão suspirados.
Ah, Ninfas! Enterneçam-vos meus brados,
Eu sátiro não sou desta espessura;
Vinde-me ouvir dizer, chorando nela:
Comigo foi relâmpago a ventura;

Assim, assim o quis Flérída bela,
Tão bela como vós, porém mais dura.

Ó Céus! Ó Natureza,
Que a Flérída formaste de outra massa,
Que lhe deste uma graça,
Qual nunca possuiu mortal beleza,
Ah!, não vedes a fera! E como abusa
Dos atractivos seus, que vós criastes,
Que tão mal empregastes!
Parece que, zunindo, o vento a acusa!
Não vistes como pôs no esquecimento
O santo, o formidável juramento?
Escarnecer de um mísero, que geme,
Não é dizer, é Céus, que vos não teme?
Não vingueis minha ofensa,
As ofensas vingai, que vos tem feito...
Que é isto, ó deuses?, tendes-lhe respeito!
Surja letal vapor da Estige infensa
A afear-lhe as formosas
Faces angelicais de neve e rosas,
A amortecer-lhe a luz encantadora
Que em seus olhos chameja;
O perjúrio da bela enganadora
Nas suas perfeições punido seja.
Sim, vingança, castigo,
Raios contra a cruel... Mas ah!, que digo?!
Coração miserável, tu deliras!
Pedes vingança, raios e suspiras!
Vingança! Contra quem? Que pensamento!
Que sacrílego rogo!
Ah!, não, perdoa, Amor, foi desafogo
Da paixão, do tormento.
Ó desejo maligno,
Feroz desejo, da minha alma indigno,
Onde voas? Detente,
As estrelas não toques,
A terrível justiça não provoques
Do braço omnipotente.
Eu vingar-me! Frenética lembrança!
O crime é menos vil do que a vingança.
Eu vingar-me! E daquela
Que, sendo tão tirana, inda é mais bela!
Elmano, morre tu, Flérída viva,
Quer branda, quer esquiva;
Respeita-lhe a pasmosa gentileza,
E vós não dupliqueis minha desgraça,
Ó Céus, é Natureza,
Que a Flérída formaste de outra massa.

Amor sem fruto, amor sem esperança
E mais nobre, mais puro,
Que o que, domando a ríspida esquivança,
Jaz dos agrados nas prisões seguro.
Meu leal coração, constante e forte,
Vendo a teu lado acesos,
Fiérida ingrata, os ódios, os desprezos,
O rigor, a tristeza, a raiva, a morte,
Forjando contra mim, por ordem tua,
Mil setas venenosas,
Em prémio destas lágrimas saudosas,
Inda assim continua
A abraçar-se em teus olhos,...
Vis amantes, Corações inconstantes,
De sórdidas paixões envenenados,
Vós, a cujos ardores,
A cujos desbocados Infames apetites
A Virtude, a Razão não põe limites,
Suspirai por ilícitos favores,
Cevai-vos em torpíssimos desejos,
Tratai, tratai de louco um amor casto,
Que eu nos grillhões que arrasto;
Tão limpos como o Sol, darei mil beijos.

Peçonhenta aliança,
Vergonhoso prazer, de vós não curo;
De ti, sim, porque és puro,
Amor sem fruto, amor sem esperança.
Vamo-nos, gado meu; suspiros, basta,
Que ninguém vos escuta
Mais que esta árvore agreste, aquela gruta,
E a corrente fugaz que a banha e gasta.
Não é delírio, que meus ais intentem
Achar piedade em coisas que não sentem,
Quando são tão tiranos
Os corações humanos,
Que folgam co'os martírios que padeço?
Quando... ah, Céus! Que enrouqueço;
Já sinto o peito de gemer cansado.
Basta, suspiros, vama-nos, meu gado.

XI

ULÂNIA OU O AMOR VENCIDO

Idílio farmacêutrio

Em selva, onde não entra a luz do dia,
Se entranhou alia noite o mago Ilano,
A cuja voz o Inferno estremecia.
Contra o poder do universal tirano,
Contra Amor, praticar determinava
Seu terrível poder, mais do que humano.
A funéreo cipreste, onde lançava
Mesto mocho importuno o som pressago,
Que à negra solidão o horror dobrava,
Não longe de um dormente e turvo lago,
Em que esparzia a rã seus roucos gritos,
Se encostou suspirando o triste mago.
Na aberta, esquerda mão tinha os malditos
Preceitos da Ciência tenebrosa,
Com sangue de hidra por Medeia escritos;
Tinha na dextra a vara portentosa,
Que acordava os cadáveres na escura,
Subterrânea morada pavorosa.
Mil e mil serpes, de hórrida figura,
A par dele apinhadas se enroscavam,
Zoando em torno à lôbrega espessura.
Os nocturnos luzeiros desmaiavam,
As asas os Favónios encolhiam,
Medrosos dos conjuros que esperavam.
Eis que ele os olhos, que em paixão ferviam,
Pelo denso lugar correndo em roda,
Aos encantos que as Fúrias constrangiam,
Estes medonhos versos acomoda:

ILANO

«É meia-noite em ponto, é tempo idóneo
Ao rito, ao acto, fértil de prodígios.
Descrevo um amplo círculo na Terra,
Firo co'a planta o chão, co'a vara os ares,
E do torvo Sumano ao reino escuro
Mando o forçoso, pertinaz conjuro:

«Ó tu, que lá na região da Morte
Dás leis com férreo ceptro em férreo trono,
Mercê do roubador que, à luz surgindo,
Veio arrancar-te do Vergel Trinácrio,

Outorga-me o favor que em ti procuro.
Hécate, sê propícia a meu conjuro.

«Já cem vezes o Sol tem assomado
Sobre o purpúreo, lúcido horizonte,
Depois que intenso ardor me escalda as veias,
Depois que adoro Ulânia... ah!, que um rochedo,
È menos frio que ela, é menos duro.
Hécate, sê propícia a meu conjuro.

«Potentes, magas vozes sussurrando,
Já outrora esmagar tentei de balde
A víbora de Amor que rói meu peito,
Qual pasce em Prometeu o açor bravio;
Mas de novo os prestígios aventuro.
Hécate, sê propícia a meu conjuro.

«Reina o silêncio, dorme a Natureza,
Menos eu, menos vós, oh rãs, oh mochos,
Sócios da noite, da tristeza amigos!
Calai-vos, não turbeis as sérias coisas,
Os misteriosos versos que murmuro.
Flécate, sê propícia a meu conjuro.

«Se o mágico poder me dobras hoje,
Fusco bezerro de enramadas pontas
O altar que te erigi na vasta furna,
Tinto de negra cor, cor que te é grata,
Em ondas banhará de sangue puro.
Hécate, sê propícia a meu conjuro.

«Ah!, o agoiro é feliz: da esquerda parte
Crestou fulmínea luz o véu da noite;
Já debaixo dos pés me foge a terra,
Já sulfúreo vapor o Averno exala
Por bocas mil, que abriu no brônzeo muro.
Hécate, sê propícia a meu conjuro.

«De tantos e tão graves professores
Desta arte que transcende a Natureza,
Nem um só tem notícia do tesouro,
Que me deu moribundo O velho Ormano,
Meu mestre, a quem devi alto conceito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

«Herdei de Alcina o cálix encantado,
Que os que nele bebiam transformava
Em rios, feras, árvores, penedos;
Tenho o anel com que Angélica formosa
Invisível tornava o doce aspeito.

Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

«Conservo o coto da cerúlea tocha,
Que só nas ermas horas da alta noite
Empunhava Canídia, quando, oh Manes,
Soltas as tranças, enfiado o rosto,
Ia abanar-vos o marmóreo leito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

«De uma fera que imita a voz humana,
Que os mortos do sepulcro extrai, faminta,
Em caixa de azeviche os olhos guardo;
Convertem-se-lhe em pedras, quando morre:
Da cova de Merlim trouxe-os Bieito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

«O nítido pavês do mago Atlante
É meu também: no alífero ginete
Com ele o velho a quantos se lhe opunham
Atónitos e cegos derribava.
Da matéria solar parece feito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

«Com estas e mais coisas milagrosas
Têm caído a meus pés soberbos toiros,
Leões horrendos, maculosos tigres;
Mas contra ti, cruel, que me devoras,
De outras mais presentâneas me aproveito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

«Roçando a singular planta meratro,
Restaura a serpe o lume aos turvos olhos:
Contra tua cegueira e teu veneno
No desengano assim minha alma encontre
Luz salutar, antídoto perfeito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

«Nos bosques de Ida o cervo aseteado
Corre ao dictamo, engole-o, cai-lhe a frecha:
Com igual prontidão ceda aos prestígios
Aquele que invisível me traspassa,
Ulânia, dura Ulânia, a teu respeito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

«Eis lume acendo co' o fuzil de Ormano,
Que produz instantânea labareda
Sobre a lígnea matéria a que se aplica.
Já pega, estala, ondeia roxa flama,
E em cima os pós venéficos lhe deito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

«Com ferrugínea agulha uma picada
Dou sobre o coração deste morcego,
E digo: Como a esta ave nocturna
Pelo golpe mortal se escoo a vida,
Tal tu me fujas, que me tens sujeito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

«Com rígido cordel de sete cores
Enleio vezes três esta figura,
Que a desabrida Ulânia representa;
Outras tantas depois me curvo à deusa
Das trevas: o ímpar número é-lhe aceito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

«Bem como nesta pedra de amianto
Arde pasmosa chama inextinguível,
Se ateie e ferva em mim perpétua sanha,
Implacável rancor contra o tirano,
Que esmaga os corações em laço estreito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

«Dou três nós nesta fita de três pontas,
E co'as palmas das mãos eis os desfaço
Esfregando-os somente. O nó que deste
Na minha liberdade, oh monstro cego,
Com prodígio maior seja desfeito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

«Do modo que este corvo, rociado
De sonífero humor, qual o do Letes,
Cabeceia, estremece e cai sopito,
Cale, adormeça em mim tenaz lembrança
De Ulânia, da cruel, e a teu despeito
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

«Como a gárrula rã no charco imundo
A vozear de noite é costumada,
Tu, execrando algoz da Humanidade,
A tragar os mortais, a encher a Terra
De males sem medida estás afeito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

«Mordo as mãos, bato o pé, retorço a vista,
As filhas de Aqueronte arremedando,
E com tremenda praga Amor fulmino.
Pérfido, injusto! Engulam-te os infernos;
Basta, obedece ao mágico preceito;
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

«Oh, Céus! Que assombro! Os olhos se me enxugam,
Aos tristes lábios os sorrisos voltam!
Já na alma os furacões, que me agitavam,
Trocados sinto em plácida bonança!
O encanto produziu ditoso efeito:
Amor cedeu, fugiu, deixou meu peito.»

XII

ELFIRA

Idílio farmacêutrio ou mágico

O duro Inverno as árvores despia;
Pelos cumes da Serra branquejavam
As néveas cãs ao túrbido Janeiro;
Lodoso o rio, em rápida torrente,
Excedendo as barreiras pedregosas,
Dos campos destruía o verde ornato;
Relâmpago fugaz crestava os ares,
Fendia o negro bojo às altas nuvens
Co' a momentânea luz, que a espaços doira
O proceloso horror: de quando em quando
Sentia-se o trovão roncar ao longe;
Envolta num cerrado, escuro manto,
Estava semimorta a Natureza.
Já por entre o crepúsculo soltava
A estrela ocidental seu frouxo lume;
Já da Ciméria cova a mãe das sombras
Vinha no carro de évano esparzindo
Silêncio, confusão, pavor, cegueira;
Vinha com denso véu, das mãos pendente,
Dando prazer a Amor, lugar ao Crime.
Eis saúda Lorveu a amiga Noite,
Lorveu sumido em húmida caverna,
Em subterrânea abóbada gretada,
Onde, ó Lua, onde, ó Sol, depois de haveres
Vingado o cume azul dos céus brilhantes,
Pelas fendas do tecto entrais a medo;
E onde agora a profunda escuridade
Mantém a densidão, o horror sustenta
Entre desmaios de cerúlea vela,
Cujo avaro clarão sai dum recanto,
E parece, a tremer, que receoso
Está da habitação ou do habitante.
Teus preceitos fatais ele professa,
Ciência horrenda ao mundo, às Fúrias grata,
Ciência atroz, que os Áquilos enfreias,
Que ora em rasa campina o mar convertes,
Ora em montes de espuma aos céus o elevas,
E revogando as leis ao Fado, à Morte,
Do seu cárcere eterno os Manes soltas.
No duro chão do lóbrego aposento
Mistas em bando o mágico rodeiam
Tristes aves de agoiro: a preta gralha,
Tu, mocho velador, tu, corvo infesto;

A víbora mordaz ali serpeia,
O negro sapo imundo aos pulos berra,
Ali se aninha o lânguido morcego,
E ali, à vária turba presidindo,
O mestre insigne das tartáreas artes
Revolve agora os mágicos mistérios
Na mente absorta em lúgubres ideias;
Murmura agora os hórridos conjuros,
Os versos a que anui a Estígia Deusa.
Indo principiar seu rito infando,
Três vezes lhe estremece o lar medonho,
O pálido carão se lhe afogueia,
Aos olhos cor da noite os lumes torce,
Carrega um tanto o ríspido sobrolho,
Erriça-se-lhe a grenha, arqueja, espuma,
Vibra a vara eficaz e açoita os ares,
Sussurra, bate o pé... Súbito, a chusma
De aves e bichos, pávida, emudece.
Vendo em silêncio tudo, o fero mago,
Nos astros embebido, assim se exprime:

«Áureas estrelas, que inspirais na Terra
Diversas condições, diversos fados,
Do influxo que de vós se desencerra,
Hoje os encantos meus sejam tocados.
De Amor, que anda comigo em dura guerra,
Os farpões adoçai, no Inferno ervados;
Meus destinos vencei, cruéis e adversos:
Astros potentes, ajudai meus versos.

«Tríplice deusa, ó Hécate, ó consorte
Do torvo rei que o Báratro governa,
Vós, Manes, vós, Euménides, tu, Morte,
Que vos cevais no horror da sombra eterna;
Minos e os dois irmãos, a quem por sorte
Coube exercer do dano a lei superna,
Punir traidores, aterrar perversos:
Sede-me atentos, escutai meus versos.

«Tu, que as luzes de Febo, ó Cíntia, aclaram,
Hoje o teu quinto giro estás fazendo,
Hoje do seio maternal brotaram
Plutão e as filhas de Aqueronte horrendo;
E os que serras de serras carregaram,
Sacrílegos aos Céus arremetendo:
Este dia fatal o encanto aspira.
Triunfai, versos meus, da ingrata Elfira.

«Tirana, por quem são meus males tantos
Quantas areias volve o mar consigo,

Por quem vou desfazendo em ais e em prantos
O coração, que em ti não acha abrigo;
Podendo sujeitar-te a meus encantos,
Só de humilde brandura usei contigo,
Mas já que um doce amor em vão suspira,
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

«Peito a ferinos peitos semelhante,
Rebelde à Natureza, hoje veremos
Se o que não podem lágrimas do amante
Podem do iroso mágico os extremos.
Tolher não há-de que a vitória cante:
Com forças desiguais vencer queremos,
Eu com versos e amor, tu só com ira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

«Segredos murmurando, o mago astuto
A Lua arranca da azulada esfera,
Reclama as almas a Caronte hirsuto,
Da vasta Natureza as leis altera;
Das três gargantas adormenta o Bruto,
De sombras cobre o Sol, no Averno impera:
Mesmo aos Céus, quando quer, terror inspira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

«As regras que estudei co'a fada Olena
Vinguem minha paixão e o teu desprezo;
Dois ramos de cipreste, um de verbena
Queimo no enxofre, de repente aceso;
Ao mocho agoirador tiro uma pena
Junto da cauda e, pelas asas preso,
Agora o crestos na sulfúrea pira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

«Deste apertado círculo no meio
Ponho a sinistra mão, depois o apago;
Três vezes para trás aqui passeio,
E debaixo dos pés três rãs esmago;
Raspo esta pedra, que do Ganges veio,
Trazida por Fatino, ilustre mago:
Insofrível calor de si transpira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

«Esta figura, que em metal gravada
É de audaz campeão, que um tigre aterra;
Esta figura, talismã chamada,
Mil virtudes simpáticas encerra.
Bem como a fera aqui representada
Se rende ao bravo herói, caindo em terra,
Renda-se-me a cruel, o encanto a fira.

Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

«Lidai, artes venéficas. Eis nesta
Já morna decocção da dormideira
Três vezes de um morcego alago a testa,
E cairá dormindo à vez terceira;
Misturo cinco folhas de giesta
Com a flor amarela, que não cheira;
E súbita fragrância ei-la respira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

«Como esta cera se derrete ao lume,
O rijo coração de Elfira escassa,
Adorando o poder do Idálio Nume,
Em lágrimas piedosas se desfaça.
Como arde esta resina, este betume,
Como se aferra aos dedos esta massa,
Preso, ardendo por mim, quem já te vira!
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

«Encravo de urso preto as duras garras
Na garganta loquaz de corvo antigo,
Fazendo verdejar três secas panas.
Elfira inda não vens? (com ânsia digo).
Torro na quente cinza estas cigarras,
De areca três porções depois mastigo,
Fruto que a corrupção proíbe ou tira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

«Qual, pungido da sede, em pouco espaço
Voa o rápido cervo à fonte amena,
Caminhes tu, meu bem, com leve passo
A mitigar meu pranto e minha pena...
Mas, Céus!... Eu vejo Elfira!... Elfira abraço!...
Eis, eis dos olhos seus a luz serena!
Ah!, menos conseguiste, Orfeu, co'a lira.
Não mais, encantos meus: cedeu-me Elfira.

XIII

ARMIA

Idílio pastoril

INTERLOCUTORES: Elmano e Josino

JOSINO

Salvé, meu caro Elmano, enfim voltaste
De Scálabis aos campos, onde outrora,
Cantando os versos teus, nos encantaste.
Porém que avesso te diviso agora
Do que estavas então! Fere-te o peito
Interna mágoa, que se vê por fora.
Pastor, às Musas e à Ternura afeito,
Que mal te aconteceu? Talvez padeces
O de amor, a que tudo está sujeito?
Elmano, o antigo Elmano, ah!, não pareces:
Conta-me, por quem és, o teu desgosto
Quanto o deve sentir já tu conheces.

ELMANO

Banhai-me sempre, lágrimas, o rosto,
'Té que este corpo mísero e cansado
Tenha na fria sepultura encosto.
Choremos, coração desenganado,
Chorai, Ninfas gentis, gentis Amores,
Com lágrimas de sangue o nosso estado.
Ó Céus! Ó rio! Ó árvores! Ó flores!
Eis o mais consumido, o mais saudoso
Entre a turba infeliz dos amadores.

JOSINO

Refreia o terno pranto copioso,
E co'um peito fiel reparte, amigo,
Danos que te granjeia o fado iroso.
Se és qual foste, qual fui, qual sou contigo,
Diz-me a tua mágoa, o teu segredo,
Que no meu coração terá jazigo.
Como que nos acena este arvoredado,
Movendo-se tão manso que parece
Estão soprando os Zéfiros a medo.
Sentemo-nos: contado, o mal decrece,
A queixa é natural, e a filomela

No raminho cantando a pena esquece.
Imita, meu pastor, o exemplo dela,
Do peito amargurado a voz desata.
Que pastora te aflige, ingrata e bela?

ELMANO

Pastora bela, sim, mas não ingrata,
Dá motivo a meu pranto, a meu tormento;
Não mata de rigor, de amores mata.
No momento em que a vi (fatal momento!)
Para seus olhos meigos me voaram
A vontade, o prazer e o pensamento.
Eles a noite carrancuda aclaram.
Neles as Graças vivem, neles moram
Os que ardentes farpões em mim disparam.
Deles o Céu e a Terra se namoram,
Serenos como as águas em remanso,
Lindos no gosto e lindos quando choram.
Dei por eles meu siso e meu descanso,
Custam-me esta saudade, esta agonia,
E os ais que sem proveito aos ares lanço.

JOSINO

Torno a dizer: se extremos de algum dia
Inda te não passaram da memória,
Claramente de mim teus males fia.
Desse queixoso amor a inteira história,
Dando-te a dor lugar, saber quisera:
Crê que a ninguém por mim será notória.

ELMANO

Se da amizade a força me não dera
Causa, ó Josino, a declarar qual ando,
Também meu mal por mim ninguém soubera.
Lá onde o Tejo teu, que vai manando
Tão claro para o mar, se dana e torna
Em salgado e feroz, de doce e brando,
Vasta planície de árvores se adorna,
Junto de um fresco vale, onde sereno,
Murmurante cristal no chão se entorna.
Dos Arroios se chama o vale ameno;
Além dele o casal tem num recosto
Armia por quem ardo e por quem peno.
Ela e Feliza, em voz, em modo, em rosto,
Em tudo, sendo irmãs, diferem tanto
Como em calor difere Abril de Agosto.
A fama que por lá ganhei no canto,

Os meus laços teceu, guiou-me um dia
A minha desventura, ao meu encanto.
De ouvir-me curiosa, a mãe de Armia
Roga a dois sócios meus, Montano e Fido,
Me levem ao casal onde vivia.
Segui-os, fui, olhei, fiquei perdido
De amores e desejos por aquela
Que nunca fugirá do meu sentido.
Descansei mansamente os olhos nela;
Mudo lhe expus meu mal, e a vi, e achei-a
Fagueira, maviosa, além de bela.
Já leda nos meus versos se recreia;
Minha lira lhe apraz, e em meus louvores
Não sofre se antecipe a língua alheia.
Calados mas dulcíssimos favores
Desfruto do meu bem, e ambos sentimos
Os brandos corações arder de amores.
Ligados desde a hora em que nos vimos,
Fomos passando o tempo em doce estado,
Em furtiva ternura e cautos mimos.
Da mãe e irmãos de Armia era prezado
(Irmãos, porque esquecia o moço Anseio,
Que sempre então me desejava ao lado).
Porém tu, da Inocência atroz flagelo,
Tu, ó Calúnia vil, num fero instante
Nos foste malograr tanto desvelo.
Ditosos neste amor igual, constante
(Turbado às vezes só pelo ciúme,
Necessária pensão do peito amante),
Dávamos ternos ais e algum queixume,
Sem recear mudanças da ventura,
Vária por génio, vária por costume.
Eis se arma em nosso dano, eis se conjura
Contra a nossa alegria um maldizente,
Tão mordaz como as feras da espessura.
Péssima produção de má semente,
Ínfimo pegureiro, o vil Domicio,
Que dali longo tempo andara ausente,
Era por compaixão, por benefício,
Aceito, recebido, agasalhado
Nos lares onde Amor me foi propício.
Em baixas cantilenas mal versado,
Às vezes, mas de balde, usar queria
Das Musas imortais o dom sagrado.
Este, pois, com sagaz aleivosia
(Sem que jamais de mim provasse ofensa)
Um sedutor me finge à mãe de Armia.
Ela acredita o monstro, em raiva intensa
Arde contra a paixão que em nós conhece,
Olha-nos já com ríspida presença.

Claro de dia em dia o tédio crece,
Converte-se em rigor o afago dantes,
Tudo nos desampara e nos empece.
Nós, desvalidos, míseros amantes,
Com disfarces em vão cegar queremos
A cuidadosa mãe e os circunstantes.
Todos a nosso amor contrários vemos;
Comigo desleais, Montano e Fido
Condenam quais delitos meus extremos.
Para tormentos mil eu fui nascido;
Quis sofrer o pior, sacrificar-me
Àquela que me tinha ali rendido.
A furto não deixava de amimar-me,
Dizendo-me: «Tolera a mãe raivosa,
Até que o tempo as fúrias lhe desarme.»
Mas vendo, a seu pesar, minha alma ansiosa
Que de alguns dons que devo à Natureza
O desconto me faz Fortuna irosa,
Ousado me arrojei a estranha empresa:
Fugi subitamente ao caro objecto,
Para evitar-lhe a maternal dureza.
No peito a dor e a palidez no aspecto,
Morrer longe de Armia amante e bela,
Era ao princípio meu feroz projecto.
Mas o fervente amor que me desvela
Me disse ao coração que não perdesse
A glória, o bem de padecer por ela.
A morte eu antepus este interesse:
Se alguém a si prefere a sua amada,
O fiel, o extremado amante é esse.
Em fugir ao meu bem vi requintada
Esta acesa paixão que me transporta,
Paixão que é tão leal quão desgraçada;
E dado todo à mágoa que me corta
O triste coração, sem tino a mente,
Com alma esmorecida ou quase morta,
Deixo aqueles contornos de repente,
Desertos, solidões achar desejo,
Onde as aves de noite andem somente.
Mil vezes canso, vezes mil forcejo
Por caminhar no mato onde me entranho,
E enfim (sem saber como) aqui me vejo.

JOSINO

Com lágrimas as tuas acompanho;
Mas a quem, meu pastor, conhece o mundo
Nenhum mal como o teu se faz estranho.
A sólida exp'riência em que me fundo
Bravezas das paixões em mim quebranta,

Salvando-me de um pego tão profundo.
Amor nos multiplica e nos encanta;
Docemente ligado à Natureza,
Os homens, os mortais ao Céu levanta;
Mas se influi o prazer numa alma acesa,
Às vezes todavia em nós se aferra,
Qual monstro de ímpia garra, aguda presa.
O velho Auliso não treslê, não erra
Em dizer e afirmar que amor é fogo,
Fogo devorador de toda a Terra.
Mas cumpre haver, Elmano, um desafogo,
Um corte nas paixões. Valor, constância,
Não chores, cai em ti, cede a meu rogo.
Os males diminui a tolerância;
De amor o activo incêndio se modera
Co'os auxílios do tempo e da distância.
Atento neste prado, a dor tempera;
Vê como brilha na planície amena
A vistosa estação da Primavera.
Olha a corrente como vai serena,
Ouve quão branda pelos ares soa
Das aves a amorosa cantilena.

ELMANO

Primeiro que este mal que me magoa
Cesse de me afligir, serão gostosos
Os ecos do trovão que o mundo atroa;
Serão sem graça os pássaros mimosos,
As estrelas sem luz, sem pranto a Aurora,
Bravos os cabritinhos buliçosos.

JOSINO

Não te quero oprimir, pranteia embora;
Mas em penhor de afecto, ao puro amigo
Ao menos um prazer concede agora.
Acompanha meus passos, vem comigo,
Que já são horas de acolher-se o gado.

ELMANO

Sim, Josino fiel; eu vou contigo,
Mas sofre lamentar-se um desgraçado.

XIV

ULINA

Idílio piscatório

De Pedrouços na praia extensa e fria,
Quando, extinguindo os astros, apontava
No corado horizonte a luz do dia,
Sozinho um pescador se lamentava,
Enquanto na tenaz fateixa preso
Seu batei sobre as ondas flutuava.
De amores o infeliz perdido, aceso,
Derretia-se em lágrimas queixosas,
Provando amarga dor, cruel desprezo.
Ulina, irmã das Tágides formosas,
E inveja das irmãs, a bela Ulina,
Lhe motivava as ânsias lastimosas.
Em seus olhos gentis, com que domina
Rendidos corações Amor tirano,
Em sua linda face a voz divina,
Perdera a liberdade o terno Elmano
(Assim se nomeava o triste amante,
Que ainda não cedia ao Desengano).
«Ó tu (clamava o cego, o delirante),
Filha das ondas, como as ondas pura,
E também como as ondas inconstante!
Que mal te fiz, que mal? Porque tão dura
Negas doce atenção, doce piedade
Aos ais de amor, aos prantos da ternura?
Se és prole de Nereu, se és divindade,
De feia ingratidão como te infamas,
Vício que enche de honor a Humanidade?
Que prémio dás ao coração que inflamas?
Teu prazer, teus amores me chamaste,
Teu ódio, teu desgosto hoje me chamas.
Risos e afagos em desdêns trocaste,
Risos e afagos mil, com que os sentidos,
Com que os livres sentidos me enlaçaste.
Meu canto foi suave a teus ouvidos,
Hoje aos ouvidos teus somente é grato
O rouco, inútil som dos meus gemidos.
As lágrimas de amor, que em vão desato,
Amarguras, que em míseros clamores
À terra, ao vento, ao mar e ao céu relato,
Dobram-te as iras, cevam-te os rigores,
E de balde a teu lado estão carpindo,
Chamando-te à piedade os meus amores.

De meus ais, de meu mal tu, ímpia, rindo,
Tens por timbre, por glória a tirania,
Manchas co'um génio fero um rosto lindo.
Noite mais clara para mim que o dia
Minha prisão forjou, quando eu folgava
No regaço da paz e da alegria.
Ferindo a lira, ao ar meus versos dava
Nesta lustrosa praia; a branda Lua
Lá no cume dos céus então brilhava.
Eis sobre as águas límpidas flutua
Das Ninfas o tropel, e Amor me of'rece
O sereno esplendor da face tua.
Confusamente aos olhos me aparece
Entre as mais, e um sagaz pressentimento
De todas por melhor te reconhece.
Levaste-me na voz o pensamento,
Sendo, ó Ninfa, o momento de escutar-te
Da minha perdição fatal momento.
Vieste sobre a margem reclinar-te,
Jurando que meus sons encantadores
Puderam dentre as ondas arrancar-te.
Absorto me deixaram teus louvores,
E o ver das belas Ninfas a mais bela
Mover-se à rude voz dos pescadores.
Que noite para mim, que noite aquela!
Tempo, que tudo estragas e devoras,
Ah!, não me roubes as memórias dela.
Horas do meu prazer, benignas horas,
Ao menos consolai na ideia um triste,
Tende sequer fantásticas demoras.
Ó Céus! Com quanto júbilo me ouviste,
Minha adorada Ulina, e quão mimosa
Que volvesse a teus olhos me pediste!
Que vezes nesta praia deleitosa
(Que ufana de gozar teu meigo rosto
Mais fresca se tornava, e mais formosa),
Pintaste em brando olhar o amor e o gosto!
Vieste, encanto meu, lograr comigo
As amenas manhãs do claro Agosto!
Venturas que idolatro e que não digo,
Altas venturas, em que trago a mente,
O carinhoso Amor me deu contigo.
Ah!, que nunca o prazer foi permanente,
Arremeda o relâmpago a alegria,
É tão fugaz como ele, e tão luzente.
Quando serenas glórias possuía,
E erguido ao céu de Amor meu pensamento
Do térreo mundo vil já nada via,
Agros zelos traçaram num momento
A minha desventura, e quis a Sorte

Fartar-se nos meus ais, no meu tormento.
Qual súbita rajada aguda e forte,
Que ao ledo, ao descuidado navegante
Esperança e baixel destrói co'a morte,
Tal para meu amor foi outro amante,
Que por ti, ninfa ingrata, olhado apenas,
Viu terno acolhimento em teu semblante.
Desde então me aborreces, me condenas,
Do desdém, do ciúme e da saudade
Às negras aflições, às duras penas.
Horrenda, carrancuda tempestade,
Que rebenta nas rochas e enegrece
Dos mares e dos céus a claridade,
A que tolero em mim não se parece:
Em breve aquela afrouxa e se abonança,
Nesta de dia em dia a fúria crece.
Mas, ó cruel, tristíssima lembrança!
Se ao menos de outro o mérito murchasse
A meus vivos desejos a esperança,
Se outro, digno de ti, me despenhasse
Neste abismo de horror, nesta agonia,
E os prazeres em flor me desfolhasse,
Desculpara a traição, a aleivosia,
A soberba, o desdém com que me tratas,
Quando fagueiro amor te merecia.
Porém, de puros laços te desatas,
E num sórdido nó tua alma prendes,
Exemplo das cruéis e das ingratas.
Esse rival abjecto, a quem te rendes,
Não sabe em mole verso harmonioso
Cantar-te as perfeições, com que me acendes;
Não é constante, fêrvido, extremoso,
Pranto de amor aos olhos não lhe acode,
Não conhece o que vale um ai piedoso.
As redes e os anzóis apenas pode
Introduzir no mar co'a mão bisonha,
E a isca preparar que o peixe engode.
Oh, quanto me envilece e me envergonha
Esta amargosa ideia! Ó Céus! E é cível
Que Uliu um torpe amante me anteponha!
Ciúme abrasador, paixão terrível,
Deixa-me! Ó tu, Razão, Razão sagrada,
Presta-me auxílio, torna-me insensível!
Na mente por amor incendiada
Apaga, desvanece-me os encantos,
As graças e o poder da minha amada.
Rompe-me um jugo tão penoso a tantos;
Corre... Mas, ai de mim, que em vão te imploro,
És surda a minhas preces, a meus prantos.
Não, não me atendes, e a infiel, que adoro,

Se paga, e se gloria, e se recreia
Com as perdidas lágrimas que choro.
o tu, que lambes a ditosa areia,
Onde gozei mil gostos, mil favores,
Mar, que a muda bonança agora enfreia,
Propício à minha dor e a meus clamores,
Sacode a mansidão. Tu, rei dos ventos,
Teus monstros solta, excita-lhe os furores.
Travem raivosa guerra os elementos,
Enquanto no alto pego a sepultura
Escolho, por fugir aos meus tormentos.
Nocturnas aves da morada escura
Venham, voando aqui, carpir de dia
Os rigores de Ulina ingrata e dura.
Amor, que tantos bens me prometia,
Quebre os cruéis farpões que me abrasaram,
Lance um ai de piedade e de agonia.
Os delfins, os tritões, que me espreitaram
Mil vezes de sentidos, de invejosos,
Quando amorosas ditas me encantaram,
Agora enternecidos, maviosos,
Vejam como perece um triste amante,
Por culpa só duns olhos tão formosos.
Brilhe alegre sorriso em teu semblante,
Origem do meu mal, doce inimiga,
Surge a ver-me entre as águas flutuante.
Graças ao mar piedoso, à morte amiga:
Ingrata, o seu poder, pois não te abrando,
Ao menos dos teus laços me desliga.»
Disse, e com turvos olhos foi trepando
Ao agro pico de rochedo ingente,
Que as ondas porfiosas vão cavando.
Para os céus ergue a vista, e de repente
Se arroja, se despenha o desgraçado,
Vítima da paixão do mal que sente.
Eis que do seio do licor salgado
Salta a ninfa gentil, mimosa e nua,
Dos ternos olhos seus objecto amado.
«Espera, caro amante, inda sou tua!
(Exclama, e transportada as mãos lhe lança,
O infeliz arrancando à morte crua.)
Espera, torna em ti, não há mudança
No meu cândido amor; de vãos ciúmes
Com fingida traição tomei vingança.
Não cometo a perfídia que presumes,
Sou qual fui, sou fiel...» (E orvalha entanto
De chorosa piedade os puros lumes.)
A voz e à vista do seu doce encanto
No ansioso pescador, no amante aflito,
Qual foi a confusão? Qual foi o espanto?

De prazer desmaiou, soltando um grito,
E a ninfa padeceu no susto a pena
Do suposto, fantástico delito.
Suspirando, o conduz à praia amena,
Onde lhe dá dulcíssimos instantes.
De puros gostos inefável cena,
Sempre te gozem corações amantes!

MÁGOAS AMOROSAS DE ELMANO

Idílio pastoril

*Oh fortunati miei dolci martiri,
S'impetreró ché, giunto seno a seno,
L'anima mia nella tua bocca io spiri!*

Tasso, *Jerusal. Libert.* Canto II

Que cena tão suave aos amadores!
Capaz de amenizar o horror da morte,
Que, de asas negras, me esvoaça em torno!
Que cena tão suave aos amadores!
Com brando murmúrio além revoam.
De Vénus e de Anália (iguais no encanto),
De Vénus e de Anália as avezinhas.
Ali mágoas não há, não há saudades,
Vivem como eu vivi, como eu não morrem!
Doce é ver-lhe os desejos inocentes,
Os momentos de amor! É doce ouvir-lhe
Ternos gemidos em delícias ternas!
Unindo os bicos, se namoram, se instam,
Se aflagam longamente, e arrulam juntas.
Nelas pejo não é, nem crime o gosto,
O altar da Natureza urdiu seus laços.
Férreo dever, que o sentimento anseia,
Dever, algoz de Elmano, algoz de Anália,
Nos ternos corações lhes não carrega!

Felices passarinhos melindrosos,
De Anália inveja sois, de Elmano inveja.
Sois da ternura e do prazer a imagem.
Felices passarinhos! Esquecei-vos
Um momento de vós, para lembrar-vos
De dois saudosos, míseros amantes.
Vós os vistes viver, morrer de amores,
Viste-os mortais, e pareciam numes!

Doces escravos da prisão mais doce
(Prisão, que aperto, que eternizo e beijo!),
De Anália com Elmano, escravos ternos,
Ele gemendo está, gemei com ele;
Ela suspira, suspirai com ela;
E na maga inflexão da voz maviosa
(Fonte de encantos, de carinhos fonte)
Brandura aprendereis, que apure a vossa.

Avezinhas de Amor! Não só merecem
Dois amantes fiéis a vós piedade,
Mas piedade aos leões, piedade aos tigres,
Piedade à Natureza, ao Fado, a tudo.
Ah!, se alguma de vós logrou :mais beijos
Daquela cujos mimos deleitosos
À vossa candidez eu permitia,
E a um deus, e mesmo a um deus, os não cedera;
Se algum de vós, ó passarinhos meigos,
Entre o ditoso e afogueado enxame
Dos pensamentos meus, dos meus desejos,
De Anália no sagrado e níveo seio
Pousou e, sem morrer, gozá-lo pôde,
E suave embebeu por entre as rosas
O biquinho subtil num céu de amores;
Se encantadora primazia obteve
No bem, na glória de celeste afago,
Por isto, que expressão não tem no mundo,
Ou de que um ai dos meus somente é frase,
Por isto à venturosa estância voe,
Onde o que devo a Amor me usurpa o Fado;
Lares demande, que esclarece Anália,
Adeje aos campos, que florescem dela;
E quando a vir co'a fantasia absorta
Na imagem do sem-par, mesquinho amante,
Contando como os séculos se contam,
Agros momentos de teimosa ausência,
Que os bens do coração lhe some aos olhos,
Pouse na mão de neve, e gema, e diga
(Por milagre de Amor): «Eis os suspiros,
A vida, o ser, o espírito de Elmano.
Todo é teu, todo é teu: não quer, não pode
Ser de outra, nem de si, nem do Destino.
Amor é mais que o Tempo, é mais que o Fado;
Eia, triunfos contra Fado e Tempo,
E os prémios da constância dele espera.
Vénus, a mãe de Amor, por ti deixámos,
Idália por teus lares esquecemos;
Ao ver-te, a fé, o ardor, nos atraíram,
Inda mais que os da face, encantos da alma.
De Elmano a doce causa é causa nossa;
Deusa nos olhos, no sorriso deusa,
Monstro, se o deixas, te fará teu crime.»

Núncia mimosa das saudades minhas,
De meus suspiros confidente amada,
Atenta do meu mal na bela origem,
Observa se desmaia, ouve se geme
Ao som piedoso da mensagem triste:
Depois traze-me um ai, dá-me um tesoiro.

E tu, planta de amor, que tens meu nome,
Que o tens com mão divina em ti gravado,
A terra desdenhando, irás aos nubes,
Por ledó agoiro de adorável boca.
Aves do Olimpo, modulando amores
Que Anália sente, como os sente Elmano,
Que à plebe dos amantes são mistérios;
Aves mais brandas, mais fiéis, mais lindas
Que as mesmas aves que em Citera adejam,
Hão-de, planta ditosa, ornar-te a rama.
Entre as filhas da luz, etéreas ninfas,
Oiro, néctar, jasmins, delicias todas,
O modelo verás dos dons de Anália:
Nos céus o original, no mundo a cópia,
Competem brandamente, a ideia absorvem;
Mas por Anália o coração decide.

Planta, planta de amor, prospera e cresce;
Dos cedros invejada, os céus penetra;
E se foste o que sou, se acaso outrora
Foste amante feliz, ou triste amante;
Se és ente humano transformado em tronco,
De Amor por tirania ou por piedade,
Junto aos versos de Anália acolhe os versos
Do choroso amator; sofre-os, não temas
Contágio neles, que te dane e murche.
A mão formosa, que te honrou, que adoro,
Imprimindo-os em ti, também nos troncos
Como nos corações fará portentos.
Seu hálito de rosas te bafeje:
Ilesa ficarás, e a cor da Morte
(Cor minha) voará do metro amargo,
Que assim do coração subiu aos lábios:
«Do seu bem, do seu nume Elmano ausente
Suspirando, morrendo, implora auxílio,
A mão por que suspira e por que morre,
A mão de Anália, que lhe rege os fados,
No dócil tronco, monumento amável
De paixão triste, mas fiel e eterna,
Estes sentidos caracteres lavre:
«Elmano por Anália esmorecia,
Elmano foi feliz, mas expirando;
Com ela não viveu, morreu por ela.
Se amas, lê, caminhante, e não lhe chores
A morte, que lhe foi melhor que a vida.»

XVI

A SAUDADE MATERNA

Na prematura e chorada morte da Senhora D. Ana Raimunda Lobo

*Mas ela os olhos, com que o ar serena,
Na mísera rude rostos, que endoidece,
Ao duro sacrificio se oferece.*

Camões, *Lusíadas*. Canto 3, CXXXI

Não longe da louçã, da flórea margem,
Por onde ameno se espreguiça o Tejo
E abrilhanta os cristais em sóis estivos;
Dos jardins Ulisseus não mui distante
(Qual de Elísios Vergéis vizinho o Averno)
Sítio jaz, que parece em negras sombras
Sumir-se à Natureza, ou não ser dela!

Ali jamais os lépidos Prazeres
(Meigos sócios de Amor, quando é ditoso)
Ousaram de exercer mimosos brincos.
Ó mirtos! Ó rosais! Ó páfios bosques!
Ali não floreçais, ali não voam
Perfumes Vossos a encantar o olfacto;
Nem teus quebros por lá, nem teus gorjeios,
Cantor ria Primavera e dos Amores,
Geram ternura, melodia exalam.
Ao medonho lugar negreja em roda
Selva de esguios, funerais ciprestes,
Que a profunda raiz no chão da morte
(Fiéis às cinzas) espontâneos ferram.
Em círculo forrando o escuro alvergue
Da Tristeza e do Horror, Sustêm na rama
Aves de pranto, de pavor, de agoiro,
Que o dia aborrecendo, amando a noite,
Vivem nas trevas e nas trevas morrem.
Que sítio para a dor, para o queixume
Daqueles a que a vida é peso, é jugo!

Ali carpindo, suspirando, errante,
Sozinha, ao desamparo, a triste Anália,
De olhos fitos nos céus, aos céus pedia
Em lágrimas, em ais vãmente ansiosa,
Seu mais doce penhor, seu bem mais doce.

«Nunes que a possuíis, que ma invejastes,
Era digna de vós, eu dela indigna!

(Soluçando a misérrima exclamava.)
 Mas valham prantos meus o que eu não valho:
 Ó Fado! Ó Céu! Restitui dementes
 A suspirada filha à mãe saudosa.
 Os génios divinais, que em vós adejam
 (Cândida imagem da inocência dela)
 Travem da alma gentil, que entre eles brilha,
 Sobre as plumas de neve ao mundo a tornem;
 E com ela e consigo à morte as sombras,
 Aos sepulcros o medo esmaltem, doirem:
 No despojo mortal formoso e caro,
 Soltando almo calor, bafejo etéreo,
 Acordem graças, insinuem vida!
 Não careces, ó Céu, de seus encantos,
 E dos encantos seus carece o mundo.
 Por ela a triste mãe não só pranteia,
 Por ela está carpindo a Natureza,
 Que o dia ornava co'os sorrisos dela!
 Os campos da existência, em cujo seio
 Foi momentânea flor, na ausência murcham
 Da linda produção que os enfeitava!
 Espinhos lhe deixais, levais-lhe as flores!
 Ó Fado! Ó Céu! Restitui dementes
 Ao saudoso Universo, à mãe saudosa
 As delicias de amor, de amor sagrado.
 Mais um milagre vos mereçam prantos:
 Se lágrimas de sangue obtê-lo podem!
 Por lágrimas de sangue o quero, ó numes!
 No coração materno extremos fervem,
 Capazes disto (ó Céus!), de mais, de tudo...
 Mas ai, triste! Eu deliro! Ai triste! Eu sonho!
 Da morte a férrea lei não se derroga;
 Nas páginas fatais é tudo eterno!
 O que se escreve ali jamais se risca!
 Mãe chorosa, infeliz, sem fruto gemes,
 Penas sem fruto, em lágrimas te mirras,
 Em ais te esfalfas, e o destino é surdo!
 Pesada escuridão me enlute a vida
 (Vida tão negra, que arremede a morte),
 Noites, bem noites os meus dias sejam,
 Enquanto eternos sóis lá são teus dias,
 De um puro e doce amor, ó doce prenda,
 Espírito sereno, alma querida,
 Que no mundo em ti mesma o Céu gozavas!
 Ah! Tu folgas sem mim, sem ti eu gemo,
 Como a viúva, solitária rola,
 Em sons carpidos apiedando as selvas!
 Não roce os lábios meus nem mais um riso,
 Meu terno coração ralai, saudades...»

Aqui desprende um ai, que aos astros voa,
Em súbito desmaio os olhos cerna
(Os olhos, a que Amor vitórias deve)
E cai sem voz, sem cor, sem luz, sem alma.
Em torno a Terra lhe gemeu piedosa,
As plantas sepulcrais com dor vergaram;
E vós, aves do luto, aves da morte,
Em menos agro som, porém mais triste,
Como que as leis embrandecer tentastes,
As leis terríveis, de inviolável firma!

Tudo penou, tremeu, fez tudo extremos
No mal de Anália... E que faria Elmano,
Ouvindo à voz da Fama o caso acerbo?

Sagrou com débil mão no leito infausto
A cinza amada lutosos versos,
E quase reviveu para chorá-la.

XVII

ARMIA

*Tardi s'avvede / Dun tradimento /
/ Chi mai di fede / Mancar non sa.*

Metastásio, *Clemenza di Tito*, Acto II, cena I

Já tinha a Noite estendido
O véu de estrelas bordado,
Estava o campo deserto,
Mudo o vento, o mar calado,

Quando Elmano, o triste Elmano
Para desgraças nascido,
Suspirava, em amorosos
Pensamentos embebido.

A lira, que noutro tempo
Sanhudas feras domava,
Rochedos embrandecia,
Turvos ares azulava,

A lira, que dantes fora
Recreio e glória de Amor,
Já não adoçava as mágoas
Do consternado pastor.

Jaziam pela violência
Das paixões e dos destinos
Rotas as cordas brilhantes
Que espalharam sons divinos.

A descorada Tristeza
Posse do infeliz tomava,
E viçosas esperanças
Em desenganos trocava.

Armia, a formosa Armia,
No coração lhas plantou;
Armia, a pérfida Armia,
No coração lhas murchou.

Seu definhado rebanho
Em torno dele balava,
Que, de si mesmo esquecido,
Só de Armia se lembrava.

Rouca a voz, pálido o rosto,
Junto ao Tejo sussurrante
Pranteava solitário
Destarte o mísero amante:

«Ecos, que morais nas grutas,
Ondas, ventos que dormis,
Ah! Como vos não despertam
Clamores de um infeliz?

«Vós, a quem tenho enviado
Tantas queixas, tantos ais,
Sois surdos, sois insensíveis,
Ó Céus, que me não vingais!

«Por vós a traidora Armia
Jurou de me ser leal;
Vingai, profanados Numes,
Vosso respeito e meu mal.

«Ah! Porque não quis minha alma
Crer nos presságios que ouviu,
Quando Armia os falsos votos
Neste lugar proferiu?

«Súbito as ondas bramiram,
Todo o ar se enegreceu,
Secou-se aquele ribeiro,
Aquela rocha tremeu.

«Horrendo, à parte direita
Funesto corvo grasnou;
Três vezes o ouvi, três vezes
Junto de mim revoou.

«Estremeci, mas a ingrata
Que me despreza e me enjeita
Não palpitou; já vivia
A tais enganos sujeita.

«Já mil amantes por ela
Haviam sido enganados;
Já mil vezes tinha ouvido
Predizer-lho a voz dos fados.

«Eu inda então não sabia
Que o semblante e o coração
Diferem; julguei-lhe a alma
Pela ext'rior perfeição.

«Ditoso de mim, se crera
No que o Céu me anunciou!
Mas Armia co'um sorriso
Meus terrores dissipou.

«Em torrentes de delícias
Eugolfado o pensamento,
Me esqueci de que não pode
Durar o contentamento.

«Quando os humanos proteges,
Õ Fortuna, a condição
Com que outorgas teus favores
É a curta duração.

«Desta amargosa verdade
Posso, posso exemplo ser
Eu, que nos olhos de Armia
Bebi celeste prazer.

«Ah! Para que vens pintar-me,
Para quê, fatal memória,
Os luminosos instantes
Da minha perdida glória?

«Gados, bosques, fontes, penhas,
Arvoredos, prados, flores,
Vós, vós fostes testemunhas
De meus ditosos amores.

«Quantas vezes no regaço
Do meu bem, da minha amada.
Lancei recentes boninas,
Dons da estação namorada!

«Quantas vezes ajudado
Dos Amorinhos, com elas
Lhe aumentava a formosura
Das longas madeixas belas!

«Quantas vezes a teu lado,
E à sombra de antigo ulmeiro,
Quando o Sol se ia sumindo
Por detrás daquele outeiro,

«Misturei com meus prazeres,
Falsa Armia, os teus louvores,
Adormecendo os Favónios,
Pondo inveja aos mais cantores!

«Ao som da amorosa lira
Meus brandos versos voavam;
Eram teus olhos piedosos
As Musas que me inspiravam.

«Fitos, pasmados, absortos
De alta glória os meus enchiam:
Mil desejos me pintavam.
Mil segredos me diziam!

«Mas neles só não fiada,
Também co' a voz maviosa,
Tingindo-te a face entanto
Lindo pejo cor-de-rosa,

«Nestas fagueiras palavras,
Cortadas de ternos ais,
Nestas mimosas palavras
Que te não hei-de ouvir mais,

«“Quando em Armia (afirmavas)
Feias traições encontras,
Verás, suspirado amante,
Unidos os Céus e os mares.

«“Só tu, meu bem, me arrebatas
A vontade, o pensamento;
Vivo de ver-te e de amar-te,
E detesto o fingimento.

«“Teu coração desafoga.
Que entre temores flutua;
Não desconfies, Elmano,
Não temas, pastor, sou tua.”»

Cuidei que a voz da verdade
Soava na voz de Armia...
Deuses! Céus! Que horror! Que assombro!
A desumana mentia.

Não duraste longamente,
Encantadora ilusão!
Desfez amarga exp'riência
Os fantasmas da paixão.

Dareis crédito, mortais,
Às perfídias que lamento?
Ô terra, treme! Apagai-vos,
Ó luzes do firmamento!

Armia, que ser só minha
Votara ao deus dos Amores,
Recebe, acolhe, premeia
Mil cultos, mil amadores.

Cansada já de fingir,
Me aborrece, me desdenha,
E em azedar meus tormentos
Toda a tirania empenha.

Aquela por quem movido
De ufano, aceso transporte,
Às vezes me presumia
Superior ao Fado, à Morte,

Meus ledos competidores
Sem pejo, sem susto afaga,
E pelo rasgado peito
Me vai dilatando a chaga.

Ai de mim! Nem quer ouvir-me
Tristes ais, tristes queixumes;
Manda que sofra calado
Os devorantes ciúmes!

Fero Amor, e assim me roubas
O siso, o prazer e a paz?
Estes os frutos que tendes?
Estes os prémios que dás?

Bem como em agra montanha
Descuidado caminhante,
Contemplando a face pura
Do Céu risonho e brilhante,

De repente, quando a planta
Mover distraído vai,
Em precipício profundo,
Faltando-lhe a terra, cai;

Assim do alteroso cume
Da minha falaz ventura
Caí no medonho abismo
Da desgraça e da amargura.

Ah, desleal, que em meus males
Sacias tua fereza,
Que estimas ver-me penando
Entre as garras da tristeza!

Se ninguém seus fados vence,
Se é meu fado arder por ti,
Suspirar, morrer de amores,
Ao menos não seja aqui!

Se a vida, que tu condenas
A tormentos e ansiedades,
Hão-de roubar-ma desprezos,
Antes ma roubem saudades.

Não posso (ai de mim!), não posso
Vingar minhas aflições,
Proferindo em tua afronta
Raivosas imprecações:

Não temas que pelos troncos
Vá teus enganos lavar;
O terno, infeliz Elmano
Nasceu para te adorar.

E a traição, que em tantas almas
Com raiva, com ódio vi,
Doce ingrata, me parece
Menos horrorosa em ti.

Adeus, eu parto a sumir-me
Nas sombras de erma floresta,
Até perder a cansada
Vida fatal que me resta.

Ali do mocho agoureiro
Me há-de ser suave o canto;
Ali, sem que te dê glória,
Livre correrá meu pranto.

Ali não verei ao menos
Desvanecidos rivais,
A cevar-se em meus martírios.
A sorrir-se de meus ais.

Mas, ah!, se opostos não fossem
Os sentimentos em nós,
Loucos, Elmano podia
Ser tão feliz como vós.

Vós suspirais pela posse
Das externas perfeições;
Vós cobiçais os deleites,
Eu cobiço os corações.

Fartai-vos de ouvir mil vezes
Juramentos de paixão
Que profere a voz de Armia,
Sem que o saiba o coração.

E vós, quando o quis a Sorte,
Meu prazer, cuidados meus,
Cordeirinhos, ovelhinhas,
Amado rebanho, adeus!

Eis para sempre vos deixa
O vosso infeliz pastor;
Vai findar seus turvos dias,
Triste vítima de Amor.

Obra digitalizada e revista por José Barbosa Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
